

REVISTA SEMANAL de Critica, Politica,  
ARTES LETRAS e COSTUMES.  
DIRECTOR - MARCELLINO MESQUITA  
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

Editor Antonio da Fonseca e Sousa      Redacção e Administração T. DA BOA-HORA, 39      Composição e Impressão Lythog. Universal LARGO DO CARMO, 17

**ASSIGNATURAS** (PAGAMENTO ADEANTADO)  
Estrangeiro Anno (52 num.) 1\$500 réis      Lisboa, provincias e Africa Portugueza Anno (52 numeros)..... 1\$000 réis  
Brazil Anno (52 num.)..... 2\$500 réis      Semestre 26 (numeros)..... \$500 réis  
Cobrança pelo correio..... \$100 réis

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39



ACTRIZ VIRGINIA

## Virginia Dias da Silva

Quando se dizia, em tempo, o *Antonio Pedro*, toda a gente sabia que este nome vulgar pertencia a um artista de raça, de uma intuição artistica poderosa e estranha.

E, assim a vulgaridade da marca baptismal, fôra elevada, na heraldica do talento, a brazão exclusivo do grande actor.

Quando se diz, hoje, *Virginia*, em todo o paiz, toda a gente sabe que é aquella captivante mulher que ha mais de vinte annos, nos encanta no palco do Theatro de D. Maria II, pela delicadeza, pela graça, pela sensibilidade de seu temperamento de finissimo quilate.

Havendo tantas Virgínia em Portugal, só uma existe!

Eu não sei de biographia, nem de critica, que possa replicar mais realmente o valor d'um artista.

Nem ha.



(CASOS E COISAS)

Jornaes louvam o novo regulamento da Instrucção Primaria.

E' um principio assente e claro de comprehender, que a liberdade individual deva ser uma coisa respeitada.

Uma das grandes lérias com que os governos tentam fazer-nos convencer do largo alcance das suas vistas e da vastidão phylantropica dos seus espiritos é o apregoamento e decreto da *Instrucção Obrigatoria*.

Tão fino este governo, tão avançado que decreta que toda a gente saiba lêr!

Em toda a parte, me parece, se tem decretado isto.

Não é novidade entre nós; mas decretada como estava não conseguia a medida fazer-nos sair do lindo estado do paiz mais ignorante da Europa.

Alguem pensa que vem d'ahi, o ser o mais bondoso, o mais docil, o mais hospitaleiro povo. Talvez.

Mas o porfiar na intenção de illustrar que pode ser em todos os paizes um motivo para louvor e applauso, em Portugal é simplesmente uma razão de sorriso e de troça.

Saber lêr em Portugal ou saber escrever não serve para nada, senão para estragar a vida.

A leitura portueguezza cifra se em jornaes e não de confessar que não é das mais uteis, nem das mais proveitosas. Falla-se na leitura para o povo, esse a quem obrigam a aprender. Os livros costumam carissimos, e na maior parte são pessimos.

Saber lêr, dizia um dos nossos maiores medicos, é um perigo, quando se não fornece a leitura. Entre nós não ha leitura; logo o melhor que pode acontecer a quem só pode lêr tolices e estragar a cabeça — é não saber lêr.

Aos homens humildes a má leitura lança os muitas vezes ao mau caminho, pela inveja, pela ambição, e

perde-os arrancando-os á humildade da vida, onde poderiam passar pela Terra, socegados e felizes.

A's raparigas torna-as, idiotas, parvas, pretenciosas, bonecas de capellistas, litteratas, romanticas... um horror. Só lêr, e má leitura, dá isto, na nossa terra.

Mas ensina-se tambem a escrever.

O escrever é mais inoffensivo para quem o faz; e, ou se limita á epistolographia amorosa e inoffensiva, ou vae além das expressões languidas dos affectos e n'esse caso na nossa patria é um ridiculo poder.

Porque como não ha liberdade de fallar, não ha liberdade de escrever e decretar que toda a gente tenha uma faculdade de que não pode fazer uso sobre ser hypocrita — é barbaro.

Mas isto serve á filauca dos governos, porque mais tarde quando elles ou os partidarios inventariam seus feitos e grandezas não deixarão de apontar como prova da summidade phylosophica dos seus cranes modernos — o *Decreto da instrucção obrigatoria*. —

E', muita vez util, para os pobres o saberem lêr. Seria sempre se lhe proporcionassem os governos a leitura facil, clara e proba. Mas não dão essa leitura e comecam logo na escola a encher-lhe a cabeça de coisas boletentas e sedicãs, de mentiras, de sabugices, de concepções falsas, de falsa moral. Toda a sciencia moderna não se ensina ahi. O que poderia e deveria ensinar-se a um homem de hoje, os seus direitos, os seus deveres correspondentes, não lh'o dizem.

Se alguem tenta escrever, entre nós, com a liberdade de consciencia que dá a pratica da vida e das coisas, fornecendo idéas, derrubando prejuizos, quem é que lh'o consente? Em que campo? Por isso dizia que, entre nos, essa ficção do desejo de illustrar, esse falso trabalho pela instrucção do povo, que intencionalmente se mantem preso na ignorancia, é uma receita para enganar papalvos, é mais uma laracha de tantas d'esta falsa vida de arremédos, de mentiras, de hypocrisia, em que vivemos e em que os asnos dominam.

Um jornal exulta porque o governo emprega d'esta vez os meios de obrigar as crianças a irem ás aulas.

Sabem com é? Com multas a toda a gente. Aos da commissão escolar, aos parentes, aos tutores, a todos.

Que linda coisa! A maneira de fornecer a instrucção, o ensino, como tudo, n'este mundo não é com os *castigos* é com as *vantagens*.

A um castigo toda a gente pensa em subtrair-se com subterfugios; uma recompensa todos pretendem alcançar-a se é digna d'isto.

Porque as não criam os governos?

Elles querem lá quem saiba lêr, e que entenda o que lê! Se assim fôsse onde estariam elles?

Os jornaes que exultem; a nós permitam-nos a faculdade de rir, que por ora é livre.

Assim como a preguiça — sabedoria antiga — é a mãe de todos os vicios, a hypocrisia é, indiscutivelmente, a mãe de todos os parvos.



AO AUTOR DO SONETO CONTRA JESUITAS

dedica

A COMEDIA PORTUGUEZA

Segundo em um jornal escarafundo,  
Veio-me a jesuita, esse escaracho,  
Entrou, por negras arias do diacho,  
Em terras do Funchal, fartas de funcho.

Pois, se não há por lá um bom sarguncho  
Para com elle lhe furar o tacho;  
Se não ha um Pombal, que, no esborracho;  
Lhe dê, valor igual ao do caruncho...

Então, amigos meus, passam a lixa...  
Porque essa gente, verdadeira bicha,  
Tudo arrebanha e mette no seu nicho!...

Ninguem a venturosa paz abicha,  
Quando esse monstro, horrendo no capricho,  
Das negras fauces a peçonha esguicha!

Todas as semanas em casa do sr. presidente, em  
Algés, ha revista de ministros, conselho ou o quer que é.  
E' o tal conselho... Coisa grave segundo parece a  
deslisar entre torradas com manteiga e altos planos de  
governança burlesca. Uma coisa que se faz todas as  
semanas, que os senhores conhecem de ler nos jornaes.

Pois a esse conselho vão os senhores ministros, como  
imaginam? nos carros electricos? em carruagens  
de praça? nas suas carruagens? Nada d'isso: vão em  
comboio especial. Este comboio especial custa cento e  
vinte mil réis! Cento e vinte mil réis por semana, para  
estes senhores irem tomar chá com o sr. conselheiro.

Ora este sr. conselheiro dizia altivamente na Cama-  
ra, ha dois mezes, que não consentiria que lhe pagas-  
sem a carruagem, nem a elle nem aos socios.

Esta é a tal Vida Nova, estes os austeros adminis-  
tradores que gastam n'uma hora de comboio—por se não  
permittirem carruagens pagas,—o que uma carruagem  
custa n'um mez.

E querem que os tomem a serio! Pois isto não é  
um insulto, uma troça, a todas as difficuldades da nossa  
vida, a todos os desejos dos espiritos sinceros e patrio-  
ticos n'este momento grave, cheio de responsabilida-  
des lá fóra, cheios de deveres civicos cá dentro?

Não é a isto que se chama cynismo?

Já era tempo de se ter vergonha n'este paiz e que  
o exemplo viesse de cima.

Já era tempo.



SEMPRE ASSIM

Dizem que Dias Ferreira,  
Em tempos bicudos, criticos,  
Aos seus amigos politicos  
Deu famosa trincadeira.

E' caso para—o da guarda!  
De deixar a cara á banda,  
Pois vae fazer propaganda  
Das idéas que alaparda!...

Idéas? Sacadas d'ellas!  
Nada pécas, nada rombas!...  
Hão de estalar como bombas!...  
E' pôr em guarda as canellas!

Não é caso para rir!  
Alérta, meus progressistas!...  
Que temos novos dentistas  
Vendendo o mesmo elixir!

ESCOLA DE TIRO

A tiradores seis, assignalados  
Na alta escola de tiro lusitana,  
Não erram pontaria, são damnados  
Mais do que promete a força humana:  
O alvo é um dos pobres depennados  
Appellidado ha muito Zé Banana...  
O qual Zé vae pagando, entre suspiros,  
A polv'ra gasta com aquelles tiros.

São seis, e muito nossos conhecidos  
Pelas açções, e mesmo pelas caras,  
Todos supinamente esclarecidos,  
Proprietarios de cabeças raras:  
N'este attentae; é elle um dos subidos  
Illustre palrador de idéas claras...  
E foi elle o que deu provas de genio  
Quando inventou as balas do Convenio.

Vêde est'outro; a balanca da justiça  
Limpa de pó e acautelada guarda;  
Mas, quando o alvo é de fazer cubiça,  
Tambem dá o seu tiro de espingarda:  
Dizem que se confessa e vae á missa,  
Que as mais santas virtudes alaparda...  
E que tem as balanças aferidas  
Melhor que as tendas todas conhecidas.

Este dá massa para um Castro forte,  
Sobe furos acima da craveira,  
Apresenta arreganhos de Mavorte  
E muito respeitavel bigodeira:  
Mette a bala onde quer, sempre tem sorte,  
Graças a ter a mão firme e certaera,  
Este é quem diz ao Zé:—põe a mochila,  
Marcha... porque vae mal o que refila!

Este nos faz amigos de estrangeiros  
Que nos tratam ás vezes como filhos,  
Pois nos acodem com os seus dinheiros  
Quando ás calças nos faltam os fundilhos:  
E' grande atirador, e dos primeiros  
Com fama desde Alverca até Sarilhos...  
Quando o gatilho puxa e a bala sáe,  
O mais valente grita—ai! ai! ai! ai!

Diz o Zé, assombrado e encolhido,  
Mostrando a velha cara de papalvo:  
—«Depois de ser limão bem espremido,  
Depois de velho desdentado e calvo,  
Entendeu o pagode destemido  
Que eu estava a calhar para ser alvo?...  
Não faz mal, hoje dão vocês o tiro...  
Eu amanhã, pois que tambem atiro!

VENANCIO.

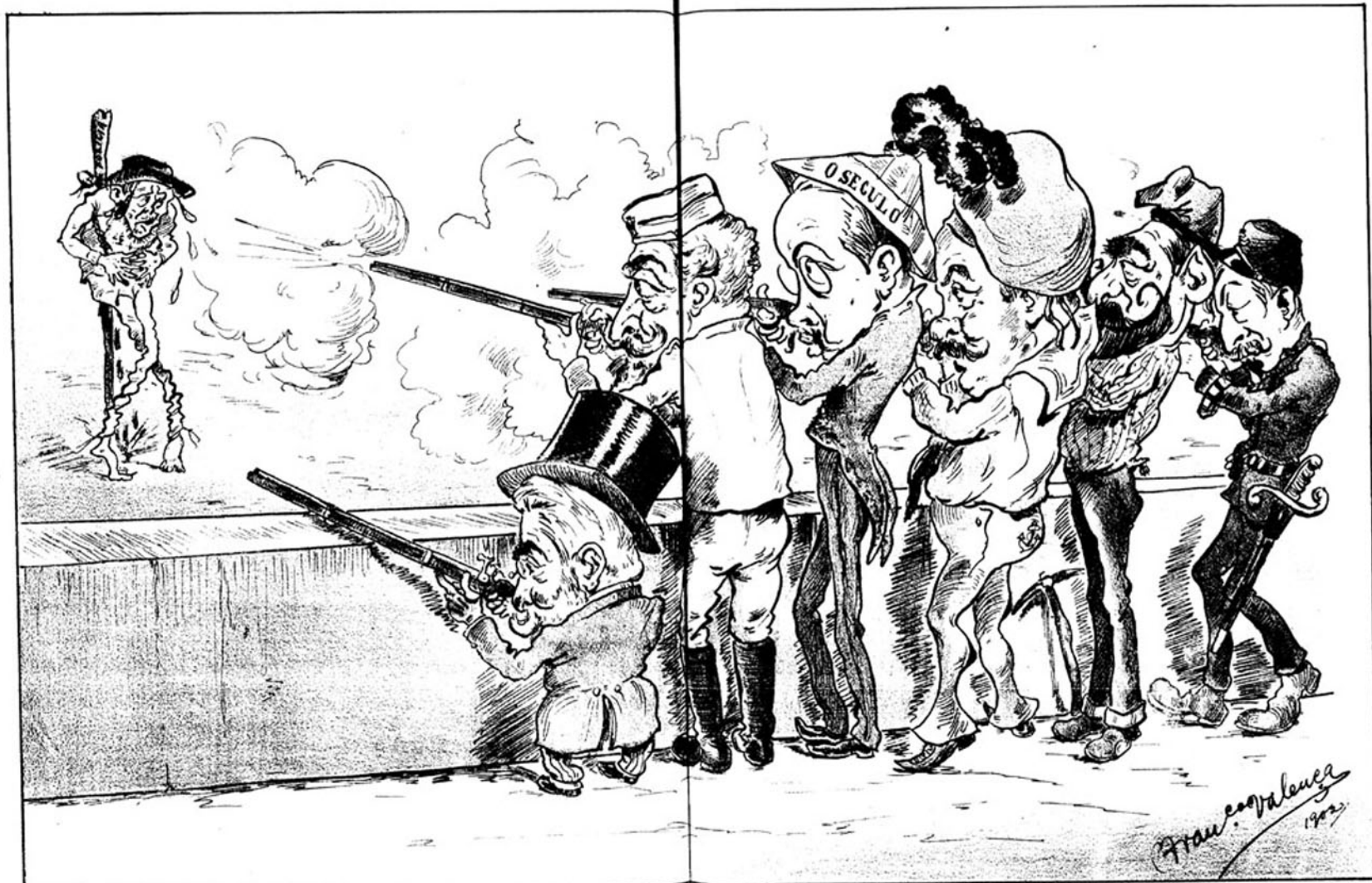


No dia 22 do passado mez realisou-se, em Paris,  
a distribuição dos premios aos alumnos mais distinctos  
da Associação Polytechnica na nossa lingua.

Quer isto dizer que se estuda o portuguez na capital  
franceza e com furôr. Puzemo-nos a pensar d'onde viria  
este empenho e descobrimos:—é para lêr a discussão  
jornalística em Portugal, nos ultimos dias.

Edificante e caracteristica. Têm que aprender.

# CARREIRA DO TIRO NACIONAL.



— Com mais um annosito de exercicio... vae abaixo!



## CANCIONEIRO ALEGRE

Pelas vias diplomaticas  
Pede a Hespanha a extradicação  
D'uma menina fugida  
Com um padre, um D. João.

Mas que temos nós com isso?  
O padre quiz, ella queria...  
E' para isto que serve,  
Agora, a diplomacia?

Feito o Convenio, em Paris,  
Sabidas as condições,  
Começam a visitar-nos  
*Escroques* e intrujões.

N'uma semana filados  
Foram dois, com ordens falsas,  
Ordens de muitos dinheiros:  
Puder a—pelo Convenio—,  
Isto ou é paiz de Salsas  
Ou paiz de brasileiros.

Desenganou-os o Veiga  
Pondo-os á sombra da aza:  
Não se admittem estrangeiros  
Esse negocio é da caza.



N. T.

Sua excellencia o sr. presidente do conselho e ministro dos negocios do reino e da instrucção publica fez ha dias uma visita á Bibliotheca Nacional. «Foi recebido optimamente.»

Mostraram-lhe a Biblia de Guttemberg, a primeira edição dos *Lusitadas*, os codices d'Alcobaça e... a *Revista dos Dois Mundos*!

Tambem se pensou em lhe apresentar os trabalhos de catalogação dos primeiros conservadores, e especialmente os do sr. Schwalbach, tão apreciados pelos eruditos; mas o grandissimo homem d'Estado não podia demorar-se...

A' saída o sr. Hintze teve esta phrase profunda:  
— «Nunca me passou pela cabeça que este edificio fosse tão grande por dentro!»

## PERGUNTA A MESTRES

Aqui, na nossa Lisboa,  
Dest'arte se pronuncia:  
— Fui comprar um anel de *ouro*.  
N'aquella *ourivezeria*.

Muda a coisa de figura  
Quando se passa Além Douro.  
— N'aquella *ourivezeria*  
Fui comprar um anel de *ouro*.

Penso, repenso, e, com magua!...  
Nenhum doutor do Parnaso  
Me diz por que carga d'agua  
E' que acontece este caso.



Diz um collega, que no Bussaco jogam estrangeiros  
o *Golfinks*, agora, muitas vezes.

Que os inglezes chegam a vir de Inglaterra jogar  
na crista do monte, e mandar telegrammas para Londres.

Hein? só jogar o *Golfinks*? Lá nos parece paixão  
excessiva pelo jogo.

Isso não de ser crédores disfarçados a espreitarem  
por cá isto, e o jogo é o disfarce.

Aposto que os telegrammas vão em cifra?

Se não é assim, então está a rebentar a quadra popular

Se o padre Santo adivinha  
O gosto que o Golf tem:  
Elle hi vem de cadeirinha,  
Jogar o Golf também.

Estamos a civilisar-nos como burros.



## FALAR COM CABEÇA

Diz um, talvez dos macrobios,  
Talvez amante ou bajôjo,  
Que as damas erguem microbios  
Com seus vestidos de rôjo.

Que o pó salta ao gorgomilo  
Sem a menor compaixão;  
E' que, depois, o bacillo  
Entra a roêr no pulmão.

Que o tal bacillo amofina,  
Augmenta á Parca os tropheus...  
E que só a medicina  
O vê, por graça de Deus.

Se se arregaçam, pequenas  
Dão prova de bom juizo...  
Mas uma mão fica, apenas,  
Pr'a o mais que seja preciso!

Este caso, que eu explico,  
Precisa de quem o estude...  
E vou mettel o no bico  
Do Conselho de Saude.

## Jardim de Epicuro

Um geologo inguez, espirito liberrimo, aberto, sir Charles Lyell, estabelecido, ha de haver quarenta annos o que se chama a theoria das causas fixas.

Demonstrou que as mudanças sobremodas no correr das edades sobre a face da Terra não são devidas como se pensava a movimentos repentinos, mas ao effeito de causas lentissimas, insensíveis, que operam indefinidamente hoje como hontem.

Segundo-o, vê-se que as grandes mudanças cujos vestigios espantosos, não raro se acham, se devem pela pequenez das edades e que as verdade foram feitas lentamente.

Foi caimamente que os mares mudaram de leito, que as geleiras desceram ás planicies, cobertas outrora de algas arborescentes.

Semilhanças transformações se fazem á nossa vista, sem que as percebamos, geralmente.

Aonde Cuvier via espantosas convulsões Lyell mostrava a lentidão operadora e clemente, das forças naturaes. Sente-se quanto esta theoria das causas actuaes seria benéfica se pudesse transportar-se do mundo physico para o mundo moral e fazer derivar d'ella as regras da conducta. O espirito conservador, e o espirito revolucionario encontrariam ali um terreno de conciliação.

O conservador não se opporia ás mudanças necessarias, persuadido de que ellas ficavam permanentes, com o recio de accumular as forças destruidoras.

E o revolucionario, não solicitaria imprudentemente energias que sabia serem sempre activas.

Quanto mais penso mais me persuado de que se a theoria moral de causas actuaes penetrasse na consciencia humana, transformaria todos os povos da Terra n'uma republica de sabios. A difficuldade é fazel-a penetrar e essa é, realmente, grande.

A. FRANCE.



### DOENTE

Trez horas da manhã; horrivelmente cedo!  
Immensa escuridão nada me deixa ver.  
Estou muito nervoso e quasi tenho medo  
De não amanhecer.

Respiro esse ar tão puro!... Oh! n'este quadra bella,  
Que bello que ha de ser o ver romper o sol!  
Por isso já deixei o leito e á janella  
Eu oiço um rouxinol.

Sinto dores no peito, eu ando adoentado  
Soffro tanto, meu Deus! soffro tão atrozmente,  
Que julgo quando estou, por vezes, excitado  
Que morro brevemente!

Vem a nascer o sol. Cresce o soffrer. Quem pensa  
Ha de admirar a Deus, porque elle assim consente,  
Que emquanto nasce o sol, cresça a cruel doença  
Assustadoramente.



## NA COVILHÃ

Meu rei, se quereis ter bons soldados  
Para formar pomposos regimentos,  
Mandae desenvolver cases conventos  
Em honra da preguiça edificandos.

FRANCO ELYSIO

Este, que era tambem padre de missa,  
Alcunhava-os de filhos da preguiça...  
Mas não mostram nenhuma estes patifes,  
Quando ordenam jejuns e comom *difes*!

Diz um jornal, dos que não tem borbulha,  
E que as sabe dizer como um catita,  
Que o bicho côr da noite, o jesuita,  
Lá pela Covilhã esgaravulla:  
Sabemos que essa praga é bem maldita  
Quando se mette no fazer debilha...  
E o bicho gafanhoto é innocente  
Comparado com essa *santa* gente.

Pois, senhores da nobre Covilhã,  
Dêem treguas ao pobre gafanhoto,  
Entrem n'uma caçada teza e sã  
Contra a raça que faz tanto alvoroço:  
Ella nasceu para cardar a lã  
D'esse carneiro *Zé* que vende o voto...  
Fala muito no Cé... mas no fim d'isso  
Quer metter todo o seu mel no cortico.

Apreção o jejum e o comer pouco.  
Penitencias impinge ao que trabalha,  
Porém aquelle horrendo bicharôco  
Sabe a pausa faltar, e não de palha!  
Vende benções de Deus, mas quer em trôco  
O metal com que a guerra horror espalha...  
E gente que refina e estuda a manha,  
E que acha pouco tudo que agatanha.

Pega n'uma mulher pouco sensata,  
Com muitas doces labias logo a investe,  
E faz da desgraçada uma beata  
Incapaz de fazer coisa que preste.  
Se ouro lhe vê ou reluzente prata,  
De maior santidade se reveste...  
Mas quer que tudo aquillo seja *esmola*  
Que lhe augmente o volume da sacola!

Povo da Covilhã, mandando um conselho  
Sera que por elle pagueis um real?  
Procurae encontrar no tempo velho,  
Um busão gigantesco do Pombal!...  
Essa para os calçar teve jaelho,  
E soube pol-os fora de faval!...  
Mas hoje, Pae do céo! no patrio nicho  
Não temos um equal ao do rabicho!

Talvez que aquelle espectro horripilante  
Faça tremer os coios das toupeiras,  
Que, protegidas, vão marchando ávante,  
Nunca deixando o officio de mineiras!...  
Deixae aquella peste revolante  
As fidalgas que vão ás brazadeiras...  
E que desejam ver de Deus aceitar  
Aquillo que o diabo lhes regeita!



**ELLA** — Olha o Ignacio escritor! Ha 12 annos que o conheço e sempre o mesmo, a mesma cara...  
**ELLE** — E a mesma camisa!!!



REVISTA SEMANAL de Critica, Politica,  
 ARTES LETRAS e COSTUMES.  
 DIRECTOR—MARCELLINO MESQUITA  
 PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

Editor: Antonio da Fonseca e Sousa      Redação e Administração: T. DA BOA-HORA, 39      Composição e Impressão: Lythog. Universal LARGO DO CARMO, 17

**ASSIGNATURAS** (PAGAMENTO ADEANTADO)

Estrangeiro Anno (52 num )	1\$500 réis	Lisboa, provincias e Africa Portuguez.	Anno (52 numeros)..... 1\$500 réis
Brazil Anno (52 num.)....	2\$500 réis	Semestre 26 (numeros).....	\$500 réis
Cobrança pelo correio....	\$100 réis		

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39

J. VELOSO SALGADO



## JOSÉ VELOSO SALGADO

Hispanhol de nascimento e portuguez adoptivo, Salgado é sobretudo francez... por temperamento e educação. Já antes de ir a Paris formar-se, os seus preparatórios denunciavam tendencias de sobriedade e gosto d'alem-Pyreneus. Vejam-se as provas d'exame n'este momento expostas na Academia de Bellas Artes: um estudo de animal, que lhe valeu o premio Annuniação, e o quadro historico-classico pelo qual conseguiu ser pensionista do governo em França e na Italia.

Excepcionalmente dotado de firmeza no desenho e de solidez na pintura, deu-nos á volta de Paris uns poucos de trabalhos notaveis, quasi todos retratos, em que avultaram os dos srs. Wenceslau de Lima e Braamcamp Freire. Abalçou-se depois a telas de maior folego: um Christo, um Vasco da Gama.

Tambem o attrahiu a pintura decorativa... Mas como retratista obteve sempre os maiores galardões da sua vida artistica, e ainda ha pouco assim se distinguio no certamen da Sociedade Nacional, com o retrato tão interessante de madame Ramalho Ortigão.

Medalhado em Paris e Berlim, professor d'Academia, tido como uma especie de conselheiro d'Estado nos dominios da soberania pictural portugueza, certo que vê attingido o ponto mais alto da curva na sua evolução de homem d'arte.

E de direito e de facto lhe cabe um quinhão nada escasso na partilha da laboriosa conquista de gloria, que a pintura nacional tem ultimamente adquirido.



(A proposito das scenas da Covilhã)

Ha, no fundo, nos antros primitivos, nos recessos sombrios da alma humana — como no fundo negro dos lagos interiores da Terra onde a luz não penetra — uma região de trevas onde se acoitam as duvidas, os terrores, as superstições e os medos.

E da sua origem, é da sua essencia.

Desde as primeiras edades alli fermentam todas as agonias humanas: misérias, lagrimas, crimes, tudo alli se confunde, tudo d'alli sae, d'aquelle protoplasma sombrio e cahotico, na genese da vida.

Constitue o fundo miserando da nossa animalidade; d'alli derivou o primeiro pensamento humano abortido e esmagado ante os phenomenos assombrosos da Terra.

D'alli vieram as Crenças, os Mythos, as Religiões.

Religião quer dizer theoria, porque outra coisa não é a explicação que desde o cerebro do selvagem se vem aperfeiçoando até ao seculo passado, dos phenomenos inexplicados do mundo.

Essa theoria porém morreu! Morreu pelo ridiculo, como morrem todos os pedantes fructos da ignorancia, da estupidez ou da maldade.

Como passou a idade do milagre, a idade creadora das religiões passou, e com ella todos os respeitoes, excepto o scientifico, que se lhe deviam.

O espirito humano não pretende explicar mysterios com mysterios; mas com verdades. Verdades arrancadas á sciencia, á luminosa e vivificadora lampada aonde veem de todas as partes do mundo, os sériosromeiros do trabalho trazer o oleo santo das suas descobertas e estudos.

Essa é, ou deve ser, a unica luz do homem d'hoje.

As religiões tem atravessado o mundo em rios de sangue. As mais crueis as mais terriveis guerras foram e serão sempre as guerras que proveem das luctas religiosas: porque são as guerras dos doidos e das feras!

E' que as religiões tem aquella origem sombria, da ignorancia e do medo, que existe no fundo da velha alma humana, região de monstros, como a das aguas negras dos lagos, no interior da Terra!

Todo esse mundo maravilhoso e falso acabou de ha muito, como o poder monstruoso dos padres que avassalava a Terra.

O trabalho, o desejo de saber, a nobre aspiração que tem elevado o homem á superior mentalidade dos nossos dias, essa ancão do estudo pelas leis da vida — terra, flora e fauna — arrancou o nosso espirito á terra metaphysica das puerilidades religiosas e atirou para o barril dos fosseis todo esse arsenal de sandices pretenciosas e de explorações miseraveis, desde a maçã do Paraizo até aos estygmata da Lacombe.

Não são ascetas, nem videntes, nem hystericos, nem porcalhões esfaimados, nem finorios, os que constroem pedra a pedra o edificio, o novo templo da religião humana. São homens. Do seu gabinete aboliu-se a metaphysica, o sonho, a visão, e ficou a experiencia, crua, repetida, exposta ao mundo, a todos os exames e a todas as criticas. Tudo o que se reconhece falso se lança fóra, para longe, a limpar o caminho: ao contrario d'essa sciencia theologica que pretende, contumaz, explicar scientificamente baboseiras biblicas e anathematiza a quem não vae na onda da estupidez.

N'este caminhar as religiões foram collocadas no seu lugar de documentos da evolução humana, e nada mais.

Mas os padres ficaram. Os caixeiros da divindade, os intermediarios da mercearia religiosa, os marçanos da tenda divina, vivem ainda pela ignorancia dos povos e pela cobardia e servilismo dos governos.

Ficaram e vivem, n'um parasitismo revoltante, sem trabalhar, engrolando latins, explorando, deshonrando, roubando o suor dos pobres, dos que trabalham, insultando os que pensam e estudam honradamente, escudados na protecção dos governos, perseguindo a expansão do espirito, combatendo todas as idéas generosas dos corações bem formados, ensinuando, prégando, moares e philosophias abstrusas, arrebanhando ingenuos, endoidecendo os fracos, bestialisando os poderosos.

No pacifico viver das nações de quando em vez o padre apparece. No viver das familias successivos escandalos revelam que a toupeira, como se diz no Hamlet, trabalha bem.

A colossal legião de charlatães exploradores, de mandriões, de neurros, que avassalou o mundo, olhos intencionalmente fechados para a luz, não vendo, não querendo ver, pensa ainda, e sempre, em alcançar o velho poder de queimar corpos e de torturar almas!

A liberdade do pensamento e da crença ou da descrença, pensam poder ainda um dia ergastular-a de novo, na rede das suas theologicas, sem ver o profundo desprezo que a sciencia poz em nossos corações, pela farrapararia patusca dos seus dogmas, das suas bernardices theologicas, e por elles proprios.

Querem viver n'um mundo antigo, adorar Torquemada e insultar Darwin. Querem ser feitos de barro, ter

o signal d'uma maçã na garganta, irem para o Céu, ou vir Deus ralhar nos trovões. e mettel-o no bucho em rodellas brancas; crêem que o Sol parou, que o Mar Vermelho se abriu, que Moysés andou de cestinho pela agua; no maná do Deserto, nas pragas do Egypto, nas onze mil virgens, na infalibilidade do Papa, nas tentações do Diabo e nos milagres de Lourdes! Creem ou fingem crêr.

A sciencia atirou um pontapé a toda esta saraivada de disparates e a milhares d'outros eguaes ou maiores e elles vivem. Por quê?

Porque a base do edificio tôrpe em que habitam assenta n'aquella região sombria da alma humana onde vivem os mêdos tenebrosos, os monstros, como nas escuras aguas dos lagos interiores da Terra os animaes aquaticos, escoando-se, tristes, silenciosos e cêgos!

A sciencia humana, porque essa da revelação é para os matoides e cretinos, assentou como indestructivel a liberdade do espirito, a liberdade da consciencia.

Por que se permite então que por esse paiz, paiz que de mais teve um Pombal, um Aguiar, que eram gente, homens, cerebros, se acoite ainda hoje a malta expulsa, e a que vive de casa ouse impôr despoticamente as suas crenças e idéas?

Por que se permite que o mandrião insulte o que trabalha? que o castrado se imponha ao homem? que o inutil e grotesco caixaero do syndicato divino force a tranquillidade dos lares, a paz das consciencias, a honra das familias, em transacções vergonhosas, tanta vez repellentes, tanta vez obscenas?

Por quê? Não se sabe hoje o que é uma religião, o que é um padre?

Por que se não varre d'uma vez o caminho? por que se não cura de vez a impertinente sarna?

Tendes medo de ir para o Inferno, ó idiotas que governaes?

Não tenhaes medo. Se o capricho do acaso vos salvou o corpo das estrumeiras dos arrematantes, embrulhando-o em fardas doiradas, não impedirá que se transforme em esterco, na urnas de mogno—de embutidos caros.

Em esterco, que é o vosso corpo, vae tambem a vossa alma.

Nem o Diabo para os seus jardins do Averno, nem Deus para os seus canteiros celestes, precisam do esturme da Terra.

Descançae que haveis de apodrecer pacificamente e será esse o unico momento na Terra em que fostes uteis.

## AO TAL PADRE DE OLHÃO

Santissimo Ferrabraz,  
Cheio de furia divina,  
Não quiz casar um rapaz  
Que jejuava doutrina.

E o padre, quem quer que seja,  
Masmarro em terras de Olhão,  
Enxota o rapaz da igreja  
Como se fosse algum cão!

Apparece a tia Poeira,  
E tal poeira ella faz,  
Que o padre, emendado a asneira  
De prompto casa o rapaz!...

Que caso! Porque seria?...  
Não sei bem... mas desconfio  
Que aquella senhora tia  
Fez o que faz quem é tio?

## SERÁ VERDADE?

Dizem jornaes, cá de casa,  
Em seus pregões importunos,  
Que nos empatam a vazua  
Principesinhos gatunos.

E nenhum jornal esconde,  
Antes diz ao mundo inteiro  
Que temos por cá um conde  
Com feitos de Mineiro.

Tudo veiu lá de fóra  
Procurar este cortiço...  
Pois, graças a Deus, por ora  
Inda não temos cá d'isso!

Porém isto é bom signal,  
E descontente não fico...  
Quer dizer que Portugal  
Inda tem fama de rico.

Em mil balanços andou,  
'Steve a cair de narizes...  
Mas o Convenio passou,  
E todos somos felizes.

Se somos!... Uns felizardos,  
E d'aquelles de mão cheia!...  
—Quando apparecem moscardos  
E' por que ha mel na colmeia.



Reconstruiu-se a Sé Velha de Coimbra.  
O venerando templo, lembra aquellas mulheres bellas que ao chegar á edade critica se enfeitam, pintam e enchem de arrebiques e louçanias improprias da edade.

Um dia a doença obriga-as a lavar a cara e prohibes pintar o cabello, e apparecem-nos então mais bellas ainda, na sua velhice, desenfiteada e séria.

Tal é a bella cathedral da formosa Coimbra.

Foi aberta ao culto, diz-se. Para quê?

O que seria preciso então era renovar tambem a fé antiga dos tempos em que ella era *menina e moça!*

Que linda aula se fazia d'ella!

Por que não se fez, e não se ensina alli Historia de Portugal!



## PERGUNTA A MESTRES

Se o pronunciar *amavel*  
E' portuguez correctissimo,  
Então porque carga d'agua  
Dizemos *amabilissimo*?

Confesso, por que sou lôrpa,  
Que não percebo esta moda;  
E que me venha instruir  
Quem seja mestre na póda.

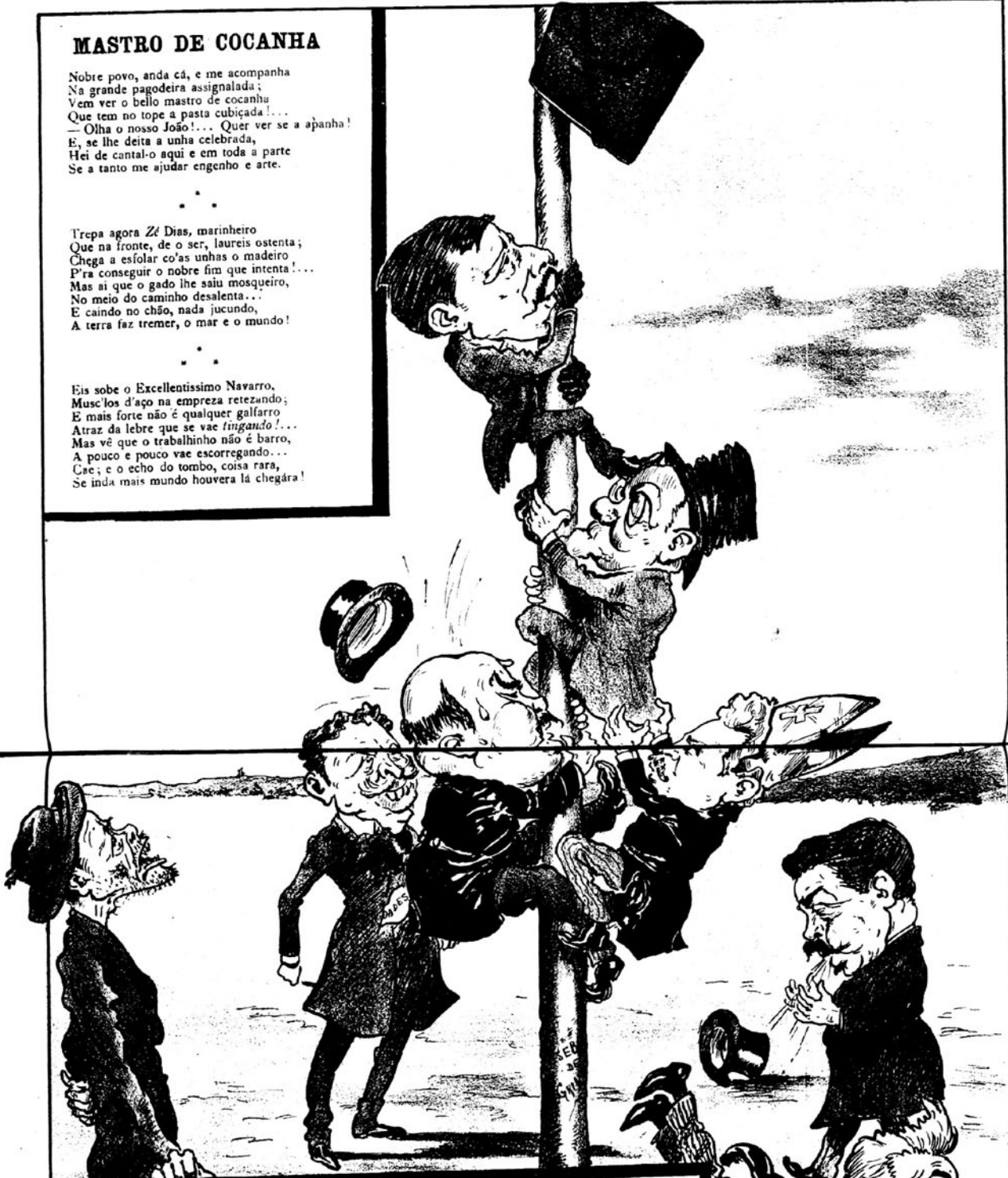
# NA FEIRA

## MASTRO DE COCANHA

Nobre povo, anda cá, e me acompanha  
Na grande pagodeira assignalada;  
Vem ver o bello mastro de cocanha  
Que tem no tope a pasta cubiçada!...  
— Olha o nosso João!... Quer ver se a apanha!  
E, se lhe deita a unha celebrada,  
Hei de cantal-o aqui e em toda a parte  
Se a tanto me ajudar engenho e arte.

Trepa agora Zé Dias, marinhoiro  
Que na frente, de o ser, laureis ostenta;  
Chega a esfolar co'as unhas o madeiro  
P'ra conseguir o nobre fim que intenta!...  
Mas ai que o gado lhe saiu mosqueiro,  
No meio do caminho desalenta...  
E caindo no chão, nada jucundo,  
A terra faz tremer, o mar e o mundo!

Eis sobe o Excellentissimo Navarro,  
Musculos d' aço na empreza retezando;  
E mais forte não é qualquer galgarro  
Atraz da lebre que se vae *tingando*!...  
Mas vê que o trabalhinho não é barro,  
A pouco e pouco vae escorregando...  
Cae; e o echo do tombo, coisa rara,  
Se inda mais mundo houvera lá chegára!



Entra agora D. Candido Jacintho,  
Quer dar assombro a illustres cidadãos...  
Mas não se mostra lá muito distincto  
Na manobra que faz com pés e mãos!...  
Do mastro apenas marinhou um quinto;  
E, vendo que fazia esforços vão,  
Da empreza desistiu, curvou á frente...  
Oh! que não sei de nojo como o conte!

Cá temos o D. Julio e o D. Baracho,  
Que não teriam em trepar desleixos;  
Mas receiam n'um tombo quebra-queixos!  
Lhes resulte n'um tombo quebra-queixos!  
Eis D. Fuschini, trepador do diacho;  
Mas já não é, qual foi, duro dos fechos...  
Trepou! muito trepou! mas a carepa  
Entrou com elle, e agora já não trepa!

Cá 'stá o Zé povinho; eil-o observando  
Esta scena sem sombra de azedume,  
E de espaços a espaços vae soltando  
A tola gargalhada do costume:  
— Vocês, que assim se esfalfam marinhando,  
E' que a prenda á panella dá chorume...  
Mas eu, que não sou cego, bem percebo  
Que puzeram no mastro muito sebo!

VENANCIA

*J. Valença*

Que linda pasta encarnada,  
Que aquelle mastro alli tem;  
De baixo, ninguem lhe chega,  
Acima, não vae ninguem!

(C. POPULAR)



## CANCIONEIRO ALEGRE

Entre um *Grillo* e um *Carneiro*  
 Houve lambada, na rua,  
 Sem que ninguem apartasse:  
 Foi questão de galinheiro  
 Eu poleiro, tu poleiro...  
 Questão de milho e d'alface.

\* \* \*

Lá pela Hespanha,  
 Pelas Asturias,  
 Vão mil lamurias:  
 Vem um vulcão!  
 ão!

Vae tudo razo  
 Para o sedeiro;  
 Hintze Ribeiro  
 Ventas ao chão!  
 ão!

Hintze e sucia,  
 Quem tal diria,  
 Que apanharia  
 Tal trambulhão!  
 ão!

Tremam os montes  
 Como na guerra;  
 Abra-se a Terra  
 Rasgue-se o chão:  
 Suma-se o Hintze  
 Para as profundas  
 Viva o vulcão!  
 ão!

N. T.



### 22 de Junho de 1828

Nesta data que aponto, Ilha Terceira  
 Data que é para ti justa vaidade,  
 Brilhou ao sol da Santa Liberdade  
 A sempre cara, triumphal bandeira!

Audacia, arrojo, crença verdadeira,  
 Proclamaram doutrinas de Igualdade:  
 A treva, o fanatismo e a maldade  
 Anteveram sua hora derradeira!

Pendão sublime, de suprema gloria,  
 Quero adorar-te; e que teu nome possa  
 Luzir na terra e rebrilhar na historia!

Se o jesuita o seu poder engrossa,  
 Baste só um teu brado de victoria  
 Para o fazer fugir da patria nossa!

### A FREIRA HESPANHOLA QUE FUGIU

Alguem, ha pouco, encaixou  
 De espertalhonas no rol  
 A freirinha que abalou  
 Com o padreca hespanhol.

Que ella tinha formosuras,  
 Elle tinha juventude;  
 E que amor n'estas alturas  
 Péga sempre como grude.

Alto lá! não vou á bola!...  
 Quem com o Ceu fez ajuste  
 Deve ficar na gaiola  
 Por muito que isso lhe custe.

Se algum desejo tiver  
 Onde entre o cheiro do vicio,  
 Reze uma coisa qualquer  
 E aperte mais o cilicio.

A freira serve o Senhor,  
 E n'isso já não faz pouco,  
 Manda á tabúa o amor  
 E arranja doce de côco.

Se as freiras de eras passadas  
 Fugissem, dando ás canellas,  
 Quem faria as marmeladas  
 Que deram fama a Odivellas?

Quem, com dedos delicados,  
 Mostrando pericia rara,  
 Nos daria os tão gabados  
 Bolinhos de Santa Clara?

Que cante a freira no côro,  
 Depois que reze em seu coio...  
 Pois que é metter-se em namôro  
 Descarrilar o comboio.



No Colyseu continua a exhibir-se em phenomenos de hypnotismo, ou o que seja, a clarividente madame Nenima.

A quem competir a intervenção, prevenimos, de que em outros paizes, as sessões publicas para exposição d'estes phenomenos tem sido prohibidas, como prejudiciaes e perigosas. São assumptos proprios de escolas, onde ninguem extranho se instrue e onde as imaginações vivas, os cerebros fracos, buscam muitas vezes o germen de desarranjos mentaes de manias, da loucura.

O charlatanismo entra sempre de mistura n'estas exhibições, que tem exclusivamente por fim a exploração do publico, levado pelo encanto facil do maravilhoso.

A pseudo-ciencia se devera ser banida das cadeiras das escolas, é absolutamente intoleravel n'um paico a quinhentos réis por cabeça. Se ao menos fosse inofensiva, — se isto pode ser — podia permitir-se. Perigosa, não ha razão que a justifique; prohiba-se. Aviso os paes a que não levem ahi suas filhas: a vista d'estes espectaculos pode acarretar-lhes, a ellas, uma doença cruel, de difficil tratamento e rara cura.

## Jardim de Epicuro

O sr. Aristides, que é um grande caçador salvou uma ninhada de pintasilgos ha pouco saída, n'uma roseira, sob a sua janella.

Um gato trepava pela roseira.

E' bom, no que se faz, acreditar nas causas finaes e pensar que os gatos foram feitos para destruir os morcegos e aparrhar chumbo nas costellas.

O sr. Aristides tirou o seu revólver e atirou ao gato. E' agradável a primeira impressão de vêr os pintasilgos salvos e o seu inimigo punido.

Mas acontece com este tiro o mesmo que com todas as acções humanas: a justiça d'estas, desapparecem quando olhadas de perto.

Porque, se se reflectir, este gato — que era um caçador como o sr. Aristides — podia tambem acreditar nas causas finaes e portanto não duvidar de que os pintasilgos tinham nascido para elle.

Era uma illusão bem natural.

O tiro ensinou-lhe, um pouco tarde, que se enganava sobre a causa final dos passaritos que pipilavam na roseira. Qual o sér que se não imagina o fim do Universo e não opera como se o fosse? E' esta a condição propria da vida. Cada um de nós pensa que o Mundo acaba em si proprio. Até nos animaes, todos se sentem o fim supremo para que tendia a natureza.

Os nossos visinhos, como o revolver do sr. Aristides, não deixam nunca de nos enganar, um dia ou outro; os nossos visinhos, ou simplesmente um cão, um cavallo, um microbio, um grão de areia.

\* \* \*

No amor os homens precisam de formas e de côres, precisam de imagens. As mulheres não querem senão sensações. Amam melhor do que nós, porque são cegas.

Se pensaes na lampada de Psyche, na gotta d'oleo, dir-vos-hei que Psyche não é a mulher mas a alma; o que é absolutamente o contrario. Psyche tinha a curiosidade de vêr e as mulheres só tem a curiosidade de sentir. Psyche procurava o desconhecido: as mulheres querem achar, exclusivamente, o seu sonho ou a sua recordação: a sensação pura. Se ellas vissem os olhos como se chegaria a explicar-se-lhes os seus amores?

A. FRANCE.



## UMA HISTORIA

Elle era boticario, assim o ouvi dizer,  
E o rendimento seu não dava p'ra viver  
E tinha para o officio alguma negação;  
Por isso resolveu, mudar de profissão.  
O que custava mais, porém, a resolver  
Era o novo lidar que havia de escolher.  
Pensou n'isso, talvez, cerca de meio anno  
Sem achar uma idéa, um pequenino plano.  
Quem nasceu pharmacoco o que podia ser?  
Dentista? Bacharel? Mais valia morrer  
Que continuar a ser um simples boticario,  
Era um logar mesquinho e mesmo algo ordinario.  
P'ra Lisboa escreveu (foi essa a salvação!)  
Pouco tempo depois, vinha a nomeação  
Tivera muita sorte; e é hoje (que ventura!)  
—Professor de latim e de litteratura—

ENA.



## MOTE POPULAR

As horas parecem dias,  
Os dias eternidades,  
As noites parecem annos  
Para quem sente saudades.

GLOSA

O que espera a terna amante  
Para entrevista ajustada,  
Tardia escuta a pancada  
Do relógio, a todo o instante:  
Sempre alerta, vigilante,  
Soffre duras agonias,  
Que em tristezas tão sombrias  
Terríveis são as demoras...  
As horas já não são horas,  
As horas parecem dias!

Não dias de puro amor,  
Não dias de meigo encanto;  
Dias de amargura e pranto,  
Dias de incerteza e dôr!  
Dias que são para horror,  
Que trazem anciedades,  
Que até infidelidades  
Recordam a desgraçados...  
Dias de luto, chamados  
Os dias eternidades!

E quando a luz se evapora,  
Quando a treva cõe na terra,  
Mais se acabrunha e se aterra  
O desgraçado que adora!...  
Não tem de repouso uma hora,  
Suspeita crueis enganos,  
Maldiz os fados tyrannos  
Que tortural-o desejam...  
E, por mais curtas que sejam,  
As noites parecem annos!

Vós, se amaes como eu amei,  
Levando o extremo á loucura,  
Attentae n'esta pintura  
Do quadro que vos tracei:  
E' esta d'amor a lei  
Com suas iniquidades;  
E, na maior das verdades,  
(Digo-o com sentir profundo:)  
Não ha outra lei no mundo  
Para quem sente saudades.

BONIFACIO.



Ullysses veiu a Lisboa  
Mesmo em fralda de camisa,  
Sem ter a massa precisa  
P'ra alimentar a pessoa:  
Andou pela Madrugão  
E esmola a todos pedia;  
Mas em breve enriquecia  
Por, com dois socios armenios.  
Pôr uma aula de Convenios  
No cimo da Cotovia.

# A CAMINHO DO CEU...



## OIÇAM LÁ MAIS ESTA

Na terra que se acclama por toureira,  
E a azeitona melhor é a hespanhola,  
Um padre, que não fez caso da estola,  
Deu ás de Villa Diogo co'uma freira.

Ella era entre as devotas a primeira,  
Sabia da ladainha a cantarola;  
Mas o padre esmerou-se na parola,  
E lá vão por'hi fóra de carreira!

Suspeita n'este caso é ousadia,  
Pois todo o leitor sabe, como eu sei,  
Que um padre é puro como a luz do dia.

Seguiram da natura a sabia lei;  
E até foram rezar a Ave Maria  
N'um certo cantochão... que não direi!



REVISTA SEMANAL DE Critica, Politica,  
ARTES LETTRAS e COSTUMES.  
DIRECTOR—MARCELLINO MESQUITA

PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

Editor Antonio da Fonseca e Sousa      Redacção e Administração T. DA BOA-HORA, 39      Composição e Impressão Lythog. Universal LARGO DO CARMO, 17

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Estrangeiro Anno (52 num ) 1\$500 réis	Lisboa, provincias e Africa Portuguesa Anno (52 numeros)..... 1\$000 réis
Brazil Anno (52 num.)..... 2\$500 réis	Semestre 26 (numeros)..... \$500 réis
Cobrança pelo correio..... \$100 réis	

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39



Conselheiro Neves Ferreira

## João Antonio Brissac das Neves Ferreira

Foi o capitão de mar e guerra *Neves Ferreira* um d'esses homens cuja morte deixa alguma coisa de vago na nossa vida. Nas nações, como Portugal, falta de caracteres, esse vago é ainda maior. Foi leal amigo como homem, dedicado mas recto. Foi como marinheiro um dos ultimos exemplares da raça, energico, firme, valente e bom ao mesmo tempo.

A gotta de sangue francez que possuiu não emprou nunca no homem as qualidades estremes de portuguez.

Foi-o a valer. Governador de Moçambique mostrou altissimos dotes de sagacidade e de valentia, no periodo do ultimatum inglez. Fez-se respeitar e o que é mais, fez-se respeitar, ameaçando. A mim m'o disse: «faziam-me a desfeita, mas eu ia dar um passeio ao Nathal».

E fazia-o porque tinha uma decisão prompta e uma energia viril.

Governador Civil do Porto ameaçaram-n'o os donos das fabricas de que as fechariam, em dada hypothese: «Pois ficam intimados para me avisarem uma hora antes».

— Para quê?

— Para eu sair com a guarnição.

Não fecharam.

Na India pacificada por D. Affonso, depois de amnistia, no dia seguinte, elle publicou a lei marcial para revoltosos. A lei era geral.

— Mas a provincia de tal não se revoltou, disseram-lhe.

— E então?

— Veja vossa excellencia que podem já ter morto algum...

— O que se ha de fazer?... (depois com uma grande serenidade). Olhe, põe-se uma errata no relatorio.

Em Moçambique, no tal periodo, sem artilheria, sem munições mandava ir para o forte as caixas de comestiveis que iam de cá, a fingir que o eram. Depois publicava ordens sobre torpedos, collocações, etc.

De cá o pantosga do governo, ás aranhas, lorpa, perguntava-lhe?

— Onde é que o sr. tem torpêdos? Onde os tem?

E vae elle respondeu: «tenho-os tanto como os logares para que os senhores me mandam empregados d'ahi».

Estas anedoctas creio-as perfeitamente verdadeiras; mas ainda que o não fossem, por inventadas, caracterizam profundamente, o homem que as mereceu.

Como devedor de muitas horas de mutua e lealissima expansão que lhe devi, grato á sua amizade tão leal como elevada, honro-me por poder dizer n'este jornal onde se pretende ser justo, que morreu um bom, um bravo, um portuguez!

Honra ao seu nome e á sua memoria!



Dezeste o verão, sobretudo em Lisboa.

Não se imagina nada mais triste, mais desolador, mais suggestivo do suicidio, quanto mais não seja den-

tro d'um sorvete colossal de morango, ou n'uma banheira raza de carapinhada! Um suicidio gelado, um suicidio polar, um suicidio coservadôr, um suicidio excentrico!

Ruas cheias de sol, de poeira, de typos aborrecidos, com uma indolencia a saltar-lhe nos gestos, na cara, no andar, a pedir um copo d'agua fresca, um rio corrente com estrepito, um salgueiro copado, em cuja sombra se abra n'uma dehiscencia artistica uma melancia sanguinea.

Os theatros fecharam e os salões, foi-se a alegria communicativa dos cafés, onde o ar aquecido acaricia o corpo esfriado pelas ventanias do inverno e onde o fumo que se evola das chavenas do café ameaça o olfacto e irrita, em desejos — o paladar guloso.

Os dias teem um tamanho monstruoso: o sol uma força calorifera, que nos derreia até á moleza inerte e caracteristica d'uma gallinha cosida. Os homens que ficam teem a nostalgia dos arvoredos, das aguas murmuradas, dos lagos mansos e sombrios. As mulheres, a dos desprotegidos, tristeza que devem ter as andorinhas que ficam doentes nos ninhos quando as companheiras partem em busca das primaveras.

Teem o andar mole, as caras luzidias, cheias d'olheiras, penteiam-se mal, e conversam, mansamente, como cançadas, n'uma somnolencia lamentavel de idéas, sem graça, sem risos. Vê-se que as doma uma saudade, uma pena, o quer que seja de vago como um desejo impossivel, ou como uma recordação de passados bens que não voltam.

Os homens graves do paiz, os legisladores, os politicos, foram-se por essas praias e thermas a dosopillar os figados e a expulsar rheumatismos teimosos, gottas reveladoras d'uma actividade vital, frenetica, cadaverica!

Um aborrecimento gera! invade-nos o corpo e a alma n'este banho quente de ar, misturado de sem sabor que parece inquietar a atmospheria da cidade de companhia com os aromas dos canos.

A leitura torna-se impossivel; a graça foi tambem a ares, a banhos, e começa a esta hora toda presumida a derreter-se pelos casinos, pelos clubs, por defronte das barracas das praias á hora do mergulho refrescador.

Calculo.

Assim como a graça, a poesia, a musica, o canto debandaram tambem.

Ah! Vejo a sr.<sup>a</sup> Derchamps para os jardins Foz, mas parece que o que sobre a robusta *chanteuse* a critica tem a dizer de mais justo é: — deixal-a chegar.

Vão lá fazer uma chronica com um calor d'estes. Calor sem sol, calor de estufa! Dizia isto commigo, ao sentar-me á meza, lamentando que para os chronistas, como ha para os governos, não houvesse uma Providencia auxiliar.

A semana tinha sido d'uma ingratitude esmagadora, como é vulgar o serem as semanas, n'esta pacifica terra de Lisboa, que o sol torra e a canalisação perfuma.

Que pensando bem a semana não fora ingrata, mas ingratos os assumptos. Teria de falar do crime. Subiriamos ao Bairro Alto a assistir a uma das vulgares scenas em que a navalha desata os nos gordios de questões imbecis, encaradas como questões d'honra, por cebros d'onde a idéa séria da dignidade fugiu afogada pelo alcool, e onde o brio se transforma n'uma convenção canalha, sustentada á ponta da naifa, brandida cobardemente, mordendo com a insidia da vibora que se occulta na herva alta onde o pastor se deita, a refrescar o corpo dos caniculares. Teriamos depois de examinar detidamente a decisão da justiça, ó Ceus!, que manda soltar com fiança um homem que mata outro com uma facada, porque essa facada não tinha a intenção de matar, mas uma intenção subtil, secreta, metha-



physica, só comprehendida pelo cerebro da justiça portugueza — a de arejar as tripas — o que é perfeitamente differente.

E depois de commentarmos esta sapientissima decisão iriamos ainda encontrar-nos com outro crime, em que um sobrinho dispara um revolver contra uma senhora sua tia e teriamos de concluir visto a bala atravessar o cabello d'esta senhora, resvalando no osso, que o bom do rapaz só pretendia com semelhante acção, alisar-lhe o cabello, ou endireitar-lhe a marrafa!

E então viriam de molde uns graves conselhos ao rapaz sobrinho, mostrando-lhe que ha coisas que se não fazem ás tias. E a chronica teria de entrar no campo grave do silogismo, das hypotheses, das conclusões e dos conceitos. Teria o ar massador d'um sermão de penitencia, d'um discurso academico ou d'uma lição de Sanskrito.

Com um calôr d'estes, que horrôr!

Mas como ha, afinal, um Deus para tudo n'este mundo, para todos, ha-o tambem para os chronistas. Apareceu d'esta vez no noticiario:

**Santos portuguezes**

«ROMA, 11 de julho.

O *Osservatore romano* insere hoje, no seu logar de honra, o decreto relativo á introdução da causa da beatificação de oito martyres da Abyssinia, entre os quaes Apolinario de Almeida, bispo de Nicéa (natural de Lisboa, jesuita, professor na Universidade de Evora); Francisco Rodrigues (jesuita, natural do Lumiar, perto de Lisboa); Gaspar Paes (jesuita, portuguez natural da Covillã (?); João Pereira (jesuita, de perto de Lisboa); e Luiz Cardeira (jesuita, natural de Alcobaça). Todos estes santos padres missionarios soffreram horrosos martyrios.

A proposito da introdução da causa da beatificação d'estes heroicos portuguezes, lembraremos que seria muito para louvar se aos trabalhos da causa da beatificação de D. Nuno Alvares Pereira fosse dado um trande impulso n'este momento. Commemorar-se ia, assim, de forma brilhantissima, o jubileu de Leão XIII, e sealhada a canonisação do Santo Condestavel, enriquecer-se-ia o agiologio portuguez com mais um glorioso-cbemaventurado que seria um patrono d'esta nação, como Joanna d'Arc o é de França.»

Abandonados na terra, vamos sendo, pelo que se vê, recebidos no Céu. Já é um prazer e uma compensação. Cinco santos logo d'uma assentada e o nosso collega inda acha pouco e quer que apressem a beatificação do condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Não é preciso: todos nós portuguezes que temos algumas luzes da Historia Patria, o conhecemos e o adoramos intimamente.

Para patrocinar a Nação achamos um pouco tarde, pela simples razão de que o bom do Condestavel não consta ter subido ao Céu, com armas e bagagens.

Assim é que elle realmente protegeu a independencia portugueza: foi á lançada.

Elle virá enriquecer o nosso agiologio! pois que venha: o collega gosta, exulta, com estas puerilidades, seja assim.

Mas não obriguem ninguem a dar dinheiro pr'a festa, nem azeite pr'a lampada.

Ao lado de Joana d'Arc fica muito bem. Podiam até casar e ter muitos filhos que seriam outros tantos patronos de França e de Portugal.

Sua Eminencia que lembre isto, pelo telephone, lá para cima!

E dizem que a Innocencia morreu!

—«Conta hoje um jornal da manhã que pelas 5 horas da tarde de domingo 13 passaram «dois frades com os respectivos habitos, cordas e sandalias, etc.» pela rua do Arsenal, sendo «alvo de troças e acres commentarios».

«*Nem outra cousa era de esperar* — acrescenta o referido jornal — porque o governo burlou a opinião publica.»

Nem outra cousa era de esperar — de garotos, porque homens mediocrementemente delicados e verdadeiramente liberaes seriam incapazes de insultar dois estrangeiros, que, suppondo Lisboa uma terra civilisada, desembarcaram com os seus habitos — os mesmos habitos que uzam na democratica França e na protestante Inglaterra.

Mas, é realmente singular e curiosa a comprehensão que tem de liberdade alguns dos pretensos liberaes portuguezes. Aparecem frequentemente em Lisboa turcos, judeus, marroquinos, com os trajos proprios das suas nações, e até da sua relegião, e nunca a liberal pupilla dos nossos radicaes se sentiu beliscada.

Aparecem dois frades estrangeiros — louvam e applaudem as «troças e acres commentarios» de que elles são alvo por parte da garotada!

Estravagante liberdade que permite a uns o que nega a outros nas mesmas — condições! —

Tem razão, á primeira vista, o collega. A liberdade a bella e santa liberdade deve ser para todos, em theoria.

Absolutamente? não. Deve ser, como todos os grandes bens, para quem os merece.

Para quem é o céu? Pois desde que o misero homem vive na Terra, rodeado de miserias e de dôres, so porque nasceu, *repletus multis miseris*, sujeito a todos os martyrios da vida que não pediu, n'um mundo miseravel que não pôde dominar, chagado o coração, oppressa e desvairada a alma, martyr se é bom, martyr se é máu, não merecia só por isso o céu?

O que dizeis vós chaveiros do empyrio? Que não! O céu é uma bella coisa; mas é para quem o merece.

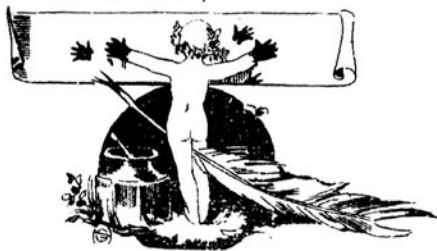
Seja assim a liberdade: para quem a merecer, e comprehender, souber usar d'ella, para quem a não insultar, nem sophismar, nem corromper, nem prostituir, nem calumniar.

Ora vós sois d'estes. A liberdade é para vós: para os outros a perseguição, o carcere, a oppressão, a tortura, a fogueira!

Não foi sempre assim? Não é ainda hoje? Que respeito tendes pelos que tem: opiniões e crenças que não são as vossas? Com que nomes os distinguis? Não ides até á infamia de prégar que um homem virtuoso irá para o inferno, se viver fora do gremio da vossa religião? Pois levae a intolerancia até á ineptia e ousaes falar em liberdade?

Doidos, estupidos ou máus não a mereceis por qualquer d'estas qualidades.

Sêde homens e podereis até apparecer com os fatos de S. Sebastião. Ireis parar a Rilhafolles, mas não se rirá de vós a plebe: ter-vos-ha piedade. E' que um habito é hoje uma mascara ridicula, e a mascara pede a pançada. Desmascarae-vos, homens.

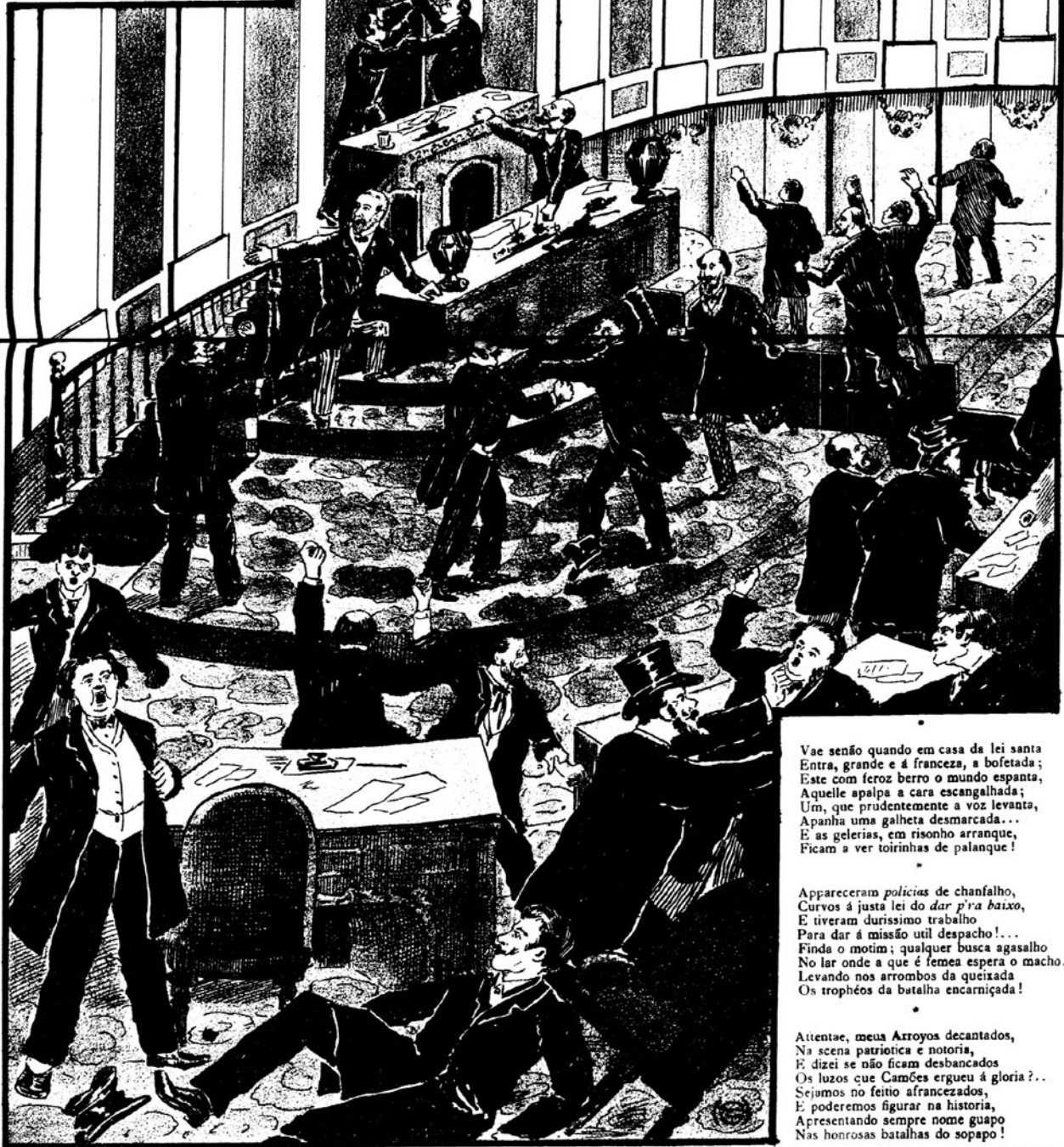


# CHINFRINEIRA A' FRANCEZA

Cessem do sabio grego e do troyanno  
As grandes chinfrineiras que fizeram,  
Calem-se varias scenas de banana  
Em que carteiras mil estremeceram ;  
Que cu canto do franciú o novo plano  
Onde os sopapos as razões venceram ;  
Cesse tudo que a musa antiga canta,  
Pois o que vou contar assarapanta.

Deu-se o caso na camara franceza  
Onde um vulto eminente presidia ;  
Ergue-se um deputado, e com rudeza  
Castiga o que acha ser patifaria ;  
Outros falam depois á barba teza,  
Rethorica juntando á berraria...  
De sorte que trouxeram á lembrança  
Uma Ribeira Nova posta em França !

O illustre presidente, stomatado,  
Quiz apylacar a furia dos Herodes,  
Mas perdeu tempo e ardor, o desgraçado,  
Porque a empreza não foi p'ra seus bigodes  
Um dizia, de braço levantado,  
— Isto aqui não é casa de pagodes !  
Porém um orador, dos mais casmuros,  
Quer decidir a tal questão a murros !



Vae senão quando em casa da lei santa  
Entra, grande e á franceza, a bofetada ;  
Este com feroz berro o mundo espanta,  
Aquelle apalpa a cara escangalhada ;  
Um, que prudentemente a voz levanta,  
Apanha uma galheta desmarcada...  
E as gelerias, em risonho arranque,  
Ficam a ver toirinhas de palanque !

Appareceram policias de chanfalho,  
Curvos á justa lei do dar p'ra baixo,  
E tiveram durissimo trabalho  
Para dar á missáo util despacho !...  
Finda o motim ; qualquer busca agasalho  
No lar onde a que é femea espera o macho...  
Levando nos arrombos da queixada  
Os trophéus da batalha encarniçada !

Attentae, meus Arroyos decantados,  
Na scena patriótica e notoria,  
E dizei se não ficam desbancados  
Os luzes que Camões ergueu á gloria ?..  
Sejamos no feito afrancezados,  
E poderemos figurar na historia,  
Apresentando sempre nome guapo  
Nas honrosas batalhas do sopapo !

CANCIONEIRO ALEGRE



Aquelle beijo divino  
Aquelle beijo sentido,  
Que espera o amante á chegada,  
Era uma vez... prohibido!

Aquelle beijo offegante  
Do partir, terno, dorido,  
Beijo de lagrimas cheio,  
Já morreu... foi prohibido!

Aquelle beijo fervente  
Cerrado, firme comprido,  
Que não acaba, trementes  
Labios, olhar... prohibido!

Aquelle beijo secreto,  
De ha muito já promettido,  
Rogar d'aza d'um insecto,  
O primeiro!... prohibido!

Aquelle beijo final,  
Que é um soluço, um vagido,  
Na despedida d'um sonho  
D'um morto amor... prohibido!

Aquelle beijo cruel,  
Pelo desprezo nutrido,  
Frio, gelado, que marca  
O separar... prohibido!

Aquelle beijo brutal,  
Ha longo tempo sentido,  
Cheio de fome e de sede  
D'um doido amor... prohibido!

Aquelle beijo de mãe  
Sobre o filho adormecido,  
Summa caricia da Terra  
Um poema... prohibido!

Seja qual fôr, todo o beijo  
Com um bom ou máu sentido,  
Em sendo beijo, é da lei,  
Não pode haver... prohibido!

Por que tal furia? O ministro  
Homem de pinha e de pose  
Acha que o beijo sinistro  
Propaga a tuberculose.

Vae prohibil-o. Cantemos  
«O beijo morreu e foi-se!»  
Seja Pombal Excellencia  
Agora, decrete o coice!

N. T.

Jardim de Epicuro

As philosophias são interessantes, simplesmente como monumentos psychicos proprios para esclarecerem o caminho, os diversos estados do espirito humano, atravez das edades..

Preciosas para o conhecimento do homem, nada podem dizer-nos que não tenha relação com o homem.

Os systemas são como esses fios tenues de platina que se põem nas lunetas astronomicas para lhe equipartir o campo.

São uteis para a observação exacta dos astros; mas são do homem, não do céu. E' bom que haja fios de platina nas lunetas; mas é preciso não esquecer que foi o oculista que alli os pôz.

O tempo, na sua fuga, fere ou mata os sentimentos mais ardentes ou mais ternos.

Enfraquece a admiração; mata o amor e as suas bellas loucuras; allue a fé e a esperança, desthora e desfolha todas as innocencias.

Ao menos que não deixe a Piedade, para que não vivamos, na velhice, como n'um sepulchro.

E' pela piedade que se é verdadeiramente homem.

Não nos petrifiquemos como os grandes impios dos velhos mythos. Tenhamos piedade dos fracos por que elles soffrem de perseguição e dos felizes por que está escripto: «Desgraçados dos que riem!».

Sofframos com os que soffrem e digamos do coração, ao desgraçado, como o christão a Maria:

*Fac me tecum plangere».*

A. FRANCE.



PERGUNTAS A MESTRES

1.º

Ha dias tive um vágado,  
Que atormentando ainda está,  
Por não saber se no cágado  
Devo pôr c ou pôr k.

2.º

Merece d'asno o diploma  
Um qualquer, este ou aquelle,  
Que escreve só com um l  
A bulla que vem de Roma?

3.º

Porque é que o sabio ou caloiro,  
Quando as estribeiras perde,  
Chama ao papagaio loiro,  
Quando eu vejo que elle é verde?

4.º

Pergunta-me o meu chumeco,  
Que engraxa á porta da rua,  
Se pôde o que escreve echo  
Mandar o h á tabúa?

(CONTINUA)



Ao distincto escriptor o ex.<sup>mo</sup> sr. Ramalho Ortigão, como presidente da commissão dos Monumentos Nacionaes, enviamos o seguinte requerimento, apresentado por um nosso assignante :

### REFLEXÃO QUE PARECE JUSTA

Illustrissimo empreiteiro  
D'A Comedia Portuguesa,  
Vae um reparo ligeiro  
De quem adora a limpeza.

Indo eu vêr o monumento  
Do cantor da luza grey,  
Sentei-me em fronteiro assento,  
Puz a luneta e notei :

Que, apesar de ser tamanha  
A gloria do grão Camões...  
Tem por baixo da peanha  
Cortejo de porcalhões!

Uns as calças não lavaram,  
Outros nem mesmo o nariz...  
E não sei por que os prantaram  
Tão perto d'um chafariz!...

Se não houver empecilho  
No alterar tal monumento...  
Que nunca mestre Carrilho  
Padeça aquelle tormento!...

Já disse o João de Barros  
A um companheiro do rancho,  
Que alli a lei dos escarros  
Pescava muitos a gancho!

Depois de a sós reflectir,  
Fernão Lopes de Azurara  
Chegou-se a capacitar  
Que lhe cuspiam na cara!

Cantanhede, o tão falado,  
Mettendo-se a homem faceto,  
Disse ao visinho do lado :  
—Pareces filho de preto!

E affirma o padre Zenobio  
(Elle lá sabe porquê)  
Crescer alli o microbio,  
Que a lei do cuspo não vê.

ZARAGATEIRO.

Approvo :—a obra, respeitada  
Como trophéo da nação,  
Deve-se dar de empreitada  
Para que seja lavada  
Com piassaba e sabão.

UM Zé POVINHO.

### MOTE

Tudo passa n'este mundo,  
A' vida a morte põe termo.

### GLOSA

Passa o triste a ser jucundo,  
Passa um proveito a ser damno,  
Passa amor a ser engano,  
Tudo passa n'este mundo :  
Passa tormento profundo  
Aquelle que vive enfermo ;  
Mas, se chama um estafermo  
Que promette dar-lhe cura...  
Passa-lhe a sua tortura,  
A' vida a morte põe termo.



«Sua Eminencia o Cardeal Patriarcha, em provisão de 11 do corrente, acaba de ordenar que se façam preces publicas *ad petendam serenitatem*, nas egrejas do patriarchado, segundo as prescripções do ritual romano.

A determinação do venerando prelado é, como facilmente se depreheende, motivada pela calamitosa inconstancia do tempo que tantos damnos está causando especialmente á agricultura.»

Ignorava, e não admira por que o que ignoramos é milhares de vezes superior ao que sabemos, que ao céu se pudesse pedir *serenidade!* Temol-a ouvido pedir aos toireiros nas praças, quando por nervosos ou timidos prejudicam o trabalho ou se expõem a desastre. A Nosso Senhor, no céu, francamente, é a primeira vez. *Sua Sempiternidade* deve estranhar um pouco o pedido, visto ser por sua ordem que o tempo assim caminha. Ora Sua Eminencia deve saber da poda, como pessoa que vive *tu cá tu lá* com o creador de tanta coisa bella e tanto aleijão a começar pela propria Eminencia. Lembramos todavia que seria melhor, em vez de estar a apoquentar com pedidos o astrónomo maximo, o regedor de todas as coisas, pedir-lhe antes uma folhinha todos os annos. Assim já elle vivia socegado, sem seringações, e nós sabiamos quando plantar o nabo, o pepino e os tomates!



### CONSULTA

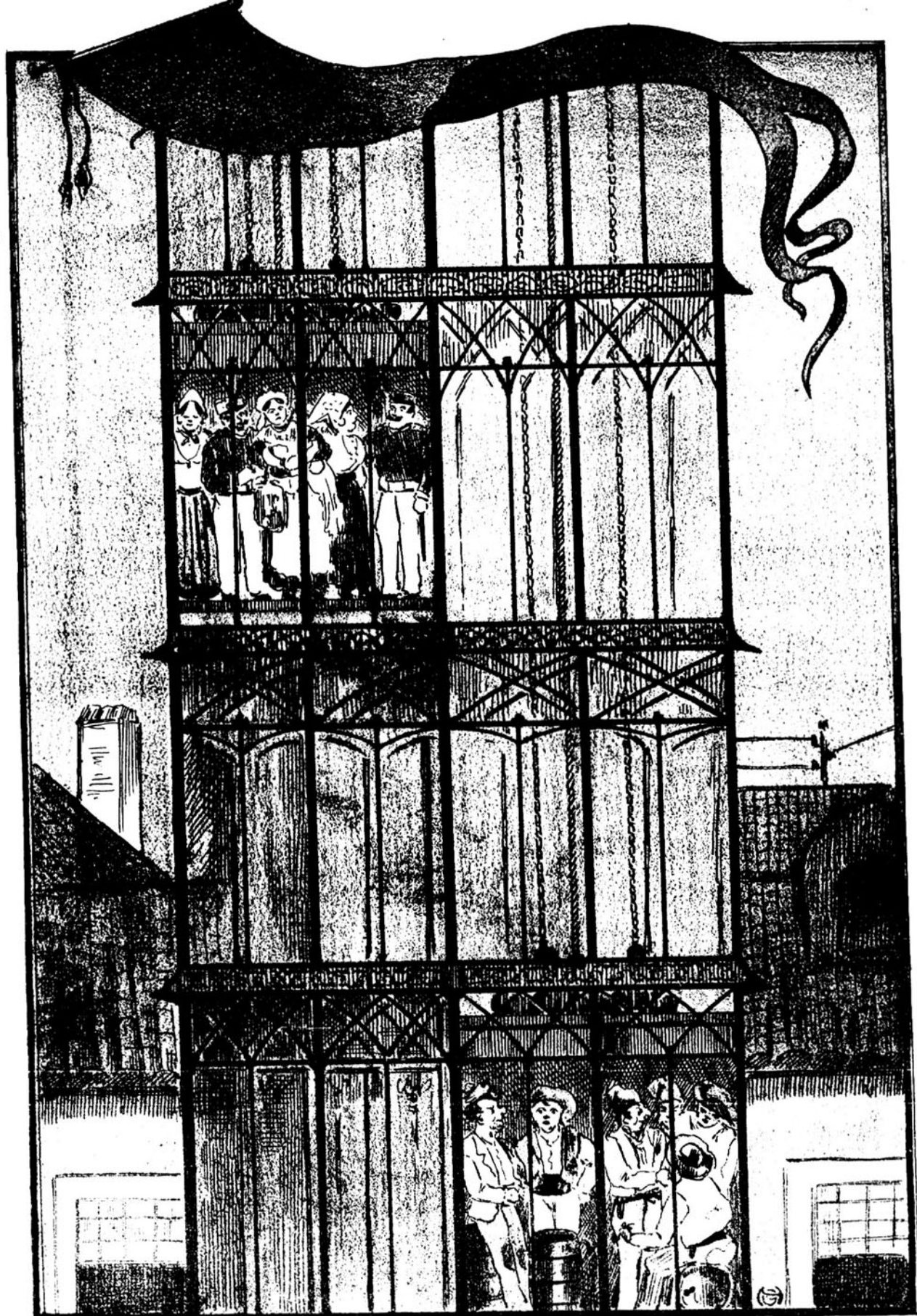
Da velha Hespanha, ha dias, a rainha,  
Resolvendo casar o seu petiz,  
Que, embora seja já rei coroado,  
Senhor inda não é do seu nariz,

Ao Papa, velho douto e illustrado,  
Muito entendido em praticas d'amor,  
Quiz mandar perguntar para o seu *niño*  
Qual era das princezas a melhor ;

E o bom do Papa, apesar de ser velhinho,  
Assim lhe diz em latinorio tom :  
—«A bavara lhe dae, senhora minha,  
Que erro fôra impingir-lhe uma Bourbon»—

Depois de soletrar esta noticia,  
Conclui, cá nos meus *entendimentos*,  
Que o velho Vaticano está mudado  
Em agencia de nobres casamentos.

ENA.



Dizem que é a torre Eiffel  
Mais bella, mas menos alta :  
Pela carga antes parece,  
N'um lado, ser um quartel,  
No outro, casa de malta.

Com freguezia tão grada  
Toda a gente crê e diz :  
Que empreza tão arrojada  
Ou leva a sua pranchada  
Ou dá em vasa-barris !



REVISTA SEMANAL DE Critica, Politica,  
ARTES LETRAS e COSTUMES.  
DIRECTOR—MARCELLINO MESQUITA  
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

Editor Antonio da Fonseca e Sousa      Redacção e Administração T. DA BOA-HORA, 89      Composição e Impressão Lythog. Universal LARGO DO CARMO, 17

**ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)**  
Estrangeiro Anno (52 num.) 1\$500 réis      Lisboa, provincias e Africa Portuguesa Anno (52 numeros)..... 1\$000 réis  
Brasil Anno (52 num.)..... 2\$500 réis      Semestre 26 (numeros)..... \$500 réis  
Cobrança pelo correio..... \$100 réis

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39



D. JULIA LOPES D'ALMEIDA

## D. Julia Lopes d'Almeida

Honra-se hoje a *Comedia Portugueza*, dando lugar na sua galeria a uma das mais distinctas senão a mais distincta escriptora brasileira, senhora que cultiva o romance com uma fina intelligencia e raros dotes de concepção e de execução.

Devem-se á sua brilhante penna, entre outros, os romances muito apreciados: — *A Família Medeiros* — este largamente conhecido em Portugal — *A Viuva Simões* e o *Livro dos Noivos*.

Mas o que estabeleceu, definitivamente, o alto valor da artista, tendo um enorme exito, foi o seu ultimo livro *A Fallencia*.

Maria Amalia Vaz de Carvalho, a nossa illustre escriptora, cuja penna delicada não esmorece nas aspezas da critica, diz d'este ultimo volume: «E' um d'estes trabalhos que se impõem pela superioridade da concepção, minuciosa dos typos, pela elegancia rara da forma».

O elegio não pôde ser nem mais completo nem menos suspeito.



Ha quem pense com a maior boa fé — que o homem é hoje melhor do que o foi nos seculos passados.

Historiadores e chronistas, quando pendem sobre a cabeça dos seus heroes, actos repugnantes, crueldades, crimes, tem quasi sempre, por norma, dizer nos que taes actos teem como desculpa a época em que se deram.

Isto attenuava a seus olhos e elles crêem que aos dos de mais o que possa haver de barbaro no procedimento de um grande homem com que o seu coração sympathise.

Conquistadores e guerreiros, velhos heroes de historias antigas e mediévas, não raro mancharam o brilho das suas espadas gloriosas com assassinatos e roubos.

E' quasi mesmo regra que da grande maioria dos homens a quem a humanidade deve grandes serviços e que foram grandes por feitos e emprezas de toda a especie, se saibam coisas miseraveis da vida, desde as simples prepotencias até á barbaridade selvagem, até á tyrania odiosa!

Desculpa-os o tempo dizem os biographos, os panegyristas: — os costumes permittiam os actos.

A desculpa é generosa mas inutil.

Nunca o homem foi peor do que hoje é.

A sciencia, a civilização, augmentaram definitivamente o grau da malignidade humana pelo fornecimento de novas concepções criminosas e de novos recursos, na lucta vital cada vez mais difficil e mais renhida, pelo apagar das qualidades animaes de robustez e valentia, que a effeminação dos costumes, os prazeres e a policia esmorecem e annullam.

A's nobres qualidades substituem-se as vis; aos grandes sentimentos os mesquinhos interesses; os homens passaram a ser — de leões que combatiam — achacões que se espreitam.

Ha apenas uma cautela: — o Codigo! ha apenas um cuidado: — a Lei!

Fóra d'esta alçada todos os crimes antigos se repetem, todas as barbaridades se commettem, todos os despotismos se exercem.

Não falemos dos crimes de character mais accentuadamente moderno: dos roubos artificiosos, das concussões, dos estupros, dos subornos e d'outros, mas vejamos um velho crime o mais horroroso, o que mais avilta o homem, o mais repugnante dos crimes: — a Escravatura!

A Costa d'Africa ficou celebre pelos seus depositos de homens negros, pilhados, caçados, agarrados pelo longo sertão interior. Ficaram celebres nomes de negreiros.

As barbaridades commettidas, os tormentos das levas de prisioneiros ligados pelos pés, pelas mãos, pelos pescocões, até ao littoral, encheriam volumes em que não sei qual seria mais difficil de descrever — se os tormentos dos negros se a crueldade dos brancos!

A escravatura é como a inquisição uma nodoa eterna sobre a alma humana. O animal que pode ser inquisidor ou negreiro é, inquestionavelmente, o mais vil dos animaes.

Esse animal é o homem!

D'essa vergonha inteira, a humanidade um dia teve pejo.

E oficialmente a escravatura foi abolida, entre os povos civilizados.

Jactava-se Portugal por ter sido dos primeiros a abolir a e a guerreal-a. De vez em quando nos jornaes estrangeiros, appareciam referencias, queixas...

Então levantava-se o brio nacional a gritar que eram calumnias... e tudo retomava o antigo estado; o paiz na sua somnolencia de alcoolico; o nosso espirito na sua confiança de ingenuo.

As ultimas revoltas, na Africa, vem provar que além das extorsões e roubos de que é victima a população indigena, inda sobre ella se exerce o commercio da escravatura, indigna, desafortadamente. Que não são apenas os particulares os negociantes sequiosos do ouro que a fazem, mas os proprios funcionarios do governo, os mais altamente collocados na administração das provincias.

Pobres negros! Ainda hoje, a corrente, o chicote, a gargalheira, a fome, a sede, a morte pelos caminhos, o martyrio incalculado e monstruoso!

E é um branco, um homem do seculo vinte, quando a sciencia nivelou homens e raças e a phylosophia christã dulcificou almas e corações — é ainda este homem capaz de vender os irmãos por que tem outra côr, de esphacelar creaturas humanas por que a miseria do nascimento condemnou á vida, longe dos centros onde a civilização domina.

Em que é o homem d'hoje melhor do que o dos passados tempos? Peior ainda, por que as leis da consciencia são outras, mais elevadas e nobres e elle atrai-as á rua, para satisfação das suas ambições e dos seus egoismos.

Inutil será sempre ao historiador ou ao chronista desculpar actos barbaros dos seus heroes, por que cada vez os creará maior a mente esclarecida do homem.

Por que, infelizmente, essa luz, esse saber mais, esse vêr mais longe, servirá tanto para o bem como para o mal.

Um governo, como o nosso, cala no segredo dos seus gabinetes, estes attentados monstruosos, contra o direito humano, contra a lei e contra a razão.

Quando os miseraveis negros se levantam, fartos de serem explorados, vendidos, martyrisados, manda-se-lhe uma força equipada á moderna — e esmagam-se! Podéra.

Nas paginas da nossa historia diz que ha mais umas datas gloriosas—o relatorio dos brancos.

Haverá; mas seria bom para calcularmos bem a grandeza das datas, o seu valor real, humanitario, civilizador e portanto digno, que se podessem tambem lêr —os relatorios dos pretos.

Mas elles não sabem escrever; ou antes a sua escripta é feita com o sangue, nos matagaes onde os trucidam, e esse ninguem o lê, a não serem as aves do ceu a quem o cheiro affasta — e as feras do matto a quem o rasto guia.

Rejubilemos.



De Vianna e de Braga foram a Tuy em amena excursão uns centos de operarios. Foram lá recebidos cavalheirosamente e vinham contentes do passeio e das attensões dos hespanhoes.

Agora vejã o que aconteceu na volta:

«Chegados a ponte internacional, uma grande decepção os esperava. Piquetes de cavallaria, ao meio da ponte internacional, aguardavam-nos para os não deixar avançar em massa. Eram as auctoridades fiscaes portuguezes que ali estavam para evitar que passasse contrabando. Deixaram apenas avançar aos grupos de 30 pessoas, que eram escrupulosamente apalpadadas. Não houve a menor contemplação. Senhoras distinctas de Vianna e de Braga, que iam na excursão, foram submettidas ao mais estúpido dos vexames, sendo apalpadadas d'um modo revoltante, que aqui não queremos descrever. As mulheres do povo, que levavam na cabeça lenços novos, de seda ou d'algodão, lenços que haviam levado de Portugal, foram despojadas d'elles, tomando-lh'os como contrabando. Cidadão que levasse ao pescoço, em vez de gravata um lenço em fórmula de gravata, eralhe arrancado; durou esta scena perto de duas horas, — duas horas d'angustia.»

Isto sim, isto é que se chama ter zelo pelos interesses do paiz. Dois lenços, uma gravata, dois charutos, e quatro assobios que os excursionistas podessem trazer e lá iam por agua baixo os lucros alfandegarios, caucionarios do Convenio.

Entra-se n'um paiz estrangeiro e ninguem nos revista; volta-se d'um passeio para o paiz dos Hintzes e soffrem-se vexames que envergonhariam cafres.

Se amanhã alguém ousar perguntar a esse bocca de favas, do reino, porque razão se commettem taes vilanias responderá erecto e ôcco: — pela lei!

E é, miseravelmente, assim. Porque n'este paiz só ha lei para as coisas mesquinhas e reles, para as coisas minimas, em que só pensam — ao contrario dos outros — estes pretôres de fancaria.

Envergonham-nos lá fóra, envergonham-nos cá dentro e assim vae a dança.

Um crime de penitenciaria — ha-os porahi ás dezenas — não se vê: — um apito de loiça trazido de Hespanha põe em acção piquetes de cavallaria, revolucionam uma provincia!

Isto faria rir, simplesmente; se por detraz não se visse a revelação d'um paiz miseravel a aproveitar milgalhas: — um traço de sordidez e de fome!

## O Vaticano em perigo

«O tecto do palacio de S. João de Latrão abriu uma fenda e ameaça desmoronar-se. A commissão de architectos, delegada pelo Papa afim de fazer rigorosa inspecção ao edificio, declarou que é forçoso reconstruir o tecto, pois do contrario será para receiar um accidente grave. Os trabalhos custarão mais de 20 contos de réis.

O Papa, muito impressionado depois da catastrophe lamentavel do campanario de S. Marcos, deu ordem para um peditorio com o fim de auxiliar a reparação do famoso *campanile*.»

Que dó que faz este pontífice a pedir esmola para concertar o tecto arruinado de S. João de Latrão.

Um millionario capaz de competir com os Vanderbilt e os Gould a pedir esmola, lá nos parece exploração que deve envergonhar a Christo!

Depois deixem-se de levantar o que cáe, morto pela velhice. Deixae aos mortos o cuidado de tratar dos mortos.

Cáe tudo, amigos: o throno dos Borgias, o campanario de S. Marcos, o tecto de S. João de Latrão...

Os senhores não querem crer que se caminha sempre... que tudo envelhece e que a velhice é a morte!

Mas ao menos sejam dignos, tenham um pouco de pudôr, que não custa muito.

Na drenagem caudalosa de dinheiro que se faz para Roma, todos os annos, de todo o mundo, que são milhões em oiro, tirem lá essa miseria para o tecto e não façam de pobres de Christo para illusão de ingenuos e papalvos.

Olhem que isso é roubar, em bom portuguez: vae contra um mandamento da vossa igreja.

Ou não?



## PERGUNTAS A MESTRES

1.º

Exemplo. — Uma cozinheira,  
E d'aquellas mais garotas,  
Depois de cozer os nabos  
Foi cozer as meias rotas.

Se esta singella pergunta  
Uma resposta merece,  
Faça favor de dizer  
Quando o  $\gamma$  se muda em  $\nu$ .

2.º

Diz lá quem não é pascacio:  
— Com s s passo é marcado;  
Mas, quando seja palacio,  
Mette-lhe o c cedilhado.

Escreve, pois, com primor  
Digno de secretarias,  
Se disser o Rei Senhor:  
Passo no paço os meus dias?

3.º

Caça com c cedilhado,  
— Perdizes e as aves todas;  
A cassa que tem dois s s  
Vem lá da casa de modas.

Com o devido respeito  
Pergunta pessoa leiga,  
Se quem escreve o contrario  
Tem multa do juiz Veiga.

(CONTINUA)



# METAMORPHOSE

Estro de Ovídio, seguirei teus vãos,  
Se não me é dado emparelhar contigo.

BOCARR.

Andava o pobre Zé todo matuto  
Assim como a cair da bocca aos cães;  
Ajoujava-o a carga do tributo,  
E olhava para a bolsa sem vintens:  
Começou a chorar por modo bruto  
A' porta de diversos armazens...  
E disse, aos ares elevando um murro:  
— Que pena eu não dar coices como um burro!

Cobriu-lhe o rosto a sombra da tristeza,  
Por pouco que não cêe com um desmaio,  
Mas soube aguentar-se com firmeza  
Porque no chão fincou o pé cambaio.  
Ouviu-lhe a voz, lá da suprema altura,  
O deus que de Vulcano vibra o raio...  
E jurou de valer nas crueis ancias  
Do que paga as alheias nigromancias.

Vae se não quando avultam-lhe as orelhas,  
Começa um grande rabo arrebitando,  
Espera de bons coices dar parilhas  
Por que em patas os pés se vão tornando:  
Crescem-lhe no pescoço umas guedelhas  
E de trombone os sons vae ensaiando...  
Até que, conseguindo dar um zurro,  
Passa de Zé povinho a ser Zé burro.



A mudança agradece ao deus tonante  
E lhe pede que o livre de chicotes;  
E, em zurro sonoro, alti-troante,  
Traduz as alegrias em pinotes:  
— Venham p'ra cá agora esses tunantes  
Co'a mira de saltar-me aos fagotes...  
Sim! que venham p'ra cá! e eu direi logo  
Como se empata a vaza do seu jogo!

N'isto sérios pimpões perdem a pose  
E ficam seriamente atomatados,  
Temendo que a cruel metamorphose  
Lhes transtorne o tempero dos guisados:  
Uns mostram no coração tuberculose,  
Outros temem castigo de peccados...  
Muitos, que governavam a egrejinha,  
Já sentem a tremer a passarinha!

Reunidos os deuses na alta côrte  
Commentam este caso extraordinario,  
E de Cascos de Rolhas a Monforte  
Muitos gajos lamentam seu fadario!...  
E todos vão dizendo d'esta sorte:  
Depois de confessados ao vigario:  
— Medroso foi o Zé!... mas isso foi-se  
Por que quem chega a burro já dá coice!

VENANCIO.

*Z. Valeuca*

VALHA-NOS ISSO !



MOTE

Andam as aves aos pares  
A namorar-se, em descantes  
São como as aves, cantando.  
Os corações dos amantes.

M. MESQUITA

GLOSA

Amôr seduz, canta, fala,  
Aprimora os seus dizeres ;  
Cumprindo santos deveres  
O mundo inteiro avassala :  
Corações na terra abala,  
Dá-lhes glorias ou pezares ;  
Porém não são singulares  
Os homens que a terra cria,  
Porque na mesma porfia  
*Andam as aves aos pares.*

Vês um que de amor se anima,  
Verdadeiro namorado ?  
Toma a guitarra do fado  
E prompta acode-lhe a rima :  
Caminha alegre, por cima  
De relvados verdejantes ;  
E estuda as canções amantes,  
Puras, trinadas, suaves,  
Em que se enlevam as aves,  
*A namorar-se, em descantes.*

Amantes allucinados,  
Se a sorte ás vezes tortura,  
Basta uma hora de ventura  
A compensar desgraçados :  
Nem sempre risonhos fados  
Nos vão a vida embalando ;  
Ora rindo, ora trovando,  
Aligaremos as dores,  
Que os mortaes, sentindo amores,  
*São como as aves, cantando*

A sciencia ostenta saber,  
Tem attingido a eminencia,  
Porém cuido que á sciencia  
Falta-lhe muito aprender !  
Sabe as cifras comprehender,  
Faz discursos elegantes,  
Mata microbios bastantes,  
Mil salvaterios fabrica . . .  
Mas é tola quando explica  
*Os corações dos amantes.*

BERNARDINO.



Em amargas piadinhas,  
Mesmo em discursos patheticos,  
Dizem-me varias boquinhas  
Que as carreiras dos electricos  
São um tanto *puxadinhas* !

O *Zé* não anda contente,  
Protesta até nos papeis,  
P'ra assim saber toda a gente  
Que é carinho trinta réis  
Do Rocio ao Intendente !

Prefere andar nas *palhetas*,  
Mesmo apanhar um 'stirão,  
Do que gastar duas *chetas*  
Do Largo Conde Barão  
Até á Rua das Pretas !

Inda me disse outro dia  
Um amanuense, coitado,  
Que vence parca quantia,  
Que não lhe chega o ordenado  
P'ra carros da Companhia !

Cesse o *Zé* as arrelias  
E os discursos turbulentos,  
Que vae ter mais garantias,  
Pelos atropelamentos  
Que ha por 'hi todos os dias !

Co'a grande devastação  
Que fazem na populaçaõ,  
Qualquer dia ! que alegrão !  
Temos carreiras de graça  
P'ra o Alto de S. João !

MAZAGÃO



Telegraphia moral

Paris, 18. m. — Cumpriram-se as primeiras formalidades para a expulsão pela força, se preciso fôr, no prazo 15 dias, e para o encerramento d'uns sessenta estabelecimentos religiosos de Paris que não cumpriam os requisitos exarados na lei das associações. — C.

E ainda outro :

«Londres, 71, t.

O «Exchange Telegraph» publica um telegramma de New-York annunciando que o presidente Roosevelt notificou sabbado ao Papa que mande retirar das ilhas Filippinas os frades hespanhoes, o Papa recusou terça feira dar essa ordem, e o presidente Roosevelt avisou-o hoje de que, se persistir n'essa recusa, os frades serão expulsos.»

E' isto. Elles a quererem dar a todos a felicidade e o ceu, e as nações e pol-os no meio da rua.  
Já é cegueira dos povos e infelicidade dos Santos.  
O grande Hintze, firme !

## Jardim de Epicuro

O mal é necessario.

Sem elle o bem, não poderia existir. O mal é a unica razão de ser do bem. O que seria a coragem sem o perigo? O que seria a piedade sem a dôr? O que seria a dedicação e o sacrificio no meio da felicidade universal?

Póde conceber-se a virtude sem o vicio, o amor sem o odio, a belleza sem a fealdade?

E' graças ao mal e ao soffrimento que a terra pôde ser habitada e vale a pena viver a vida.

Assim, não nos devemos queixar muito do Diabo: é um grande artista e um grande sabio; fabricou, pelo menos, a metade do mundo, tão bem ligada á outra que qualquer alteração na primeira se reflecte, fatalmente, na segunda.

A cada vicio que se destroe, destroe-se uma virtude que morre com elle.

Vi, um dia n'uma feira de aldeia, a vida do grande Santo Antão por *marionettes*. Foi um espectáculo superior em phylosophia ás tragedias de Shakespeare e aos dramas de D'Ennery. Como vi bem alli toda a graça de Deus e do Diabo.

A scena representava um deserto, que em pouco tempo se encheu de anjos e de demonios. O desenvolvimento da acção imprime nos corações uma impressão terrivel de fatalidade, que resulta da intervenção simetrica dos anjos e dos demonios, como dos movimentos das personagens dirigidas por fios que mão invisivel move. Por isso, quando, depois de ter feito a sua oração, o grande Santo Antão, ainda ajoelhado, levanta a fronte callosa como os joelhos dos camellos, por longo tempo repousada sobre pedras, e erguendo os olhos lacrimosos, vê deante de si a rainha de Sabá a sorrir-lhe de braços abertos na sua tunica de oiro, treme-se, receia-se que elle succumba, e segue-se com afflicção o espectáculo da sua perturbação e da sua finura. Reconhecemo-nos todos n'elle, e quando elle triumphá annunciá-nos á sua victoria.

Elle é a humanidade na sua lucta eterna.

Santo Antão só é um grande santo por que resistiu á rainha de Sabá. E' preciso confessar que o Diabo mandando tentar o santo por esta bella mulher, que occulta o pé de cabra sob a longa saía bordada a perolas, lhe fez o maior serviço para sua santidade.

Assim, o espectáculo de *marionettes* me confirmou na idéa de que o mal é indispensavel para o bem, e o Diabo necessario á belleza moral da humanidade.

A. FRANCE.



## AO BRAZIL

PARAPHRASE

Brazil! sei que o teu nome entre as nações fulgura,  
Que ergues a fronte audaz em verdejantes plagas;  
Sei que o portuguez pobre affronta a ira das vagas  
Para em ti procurar os gozos da fartura.

Sei que já livre estás das estrangeiras pragas,  
Castigo do flagello imposto á raça escura;  
Sei que a tua alma agora é nobre, é justa, é pura,  
Sei que progresso e luz no coração afagas.

Canta nos teus sertões, á luz do sol dourada,  
A idéa que promette erguer-te venturosa,  
O' patria onde o sabiá encanta uma alvorada!

Enviu-te um saudar, ó terra hospitaleira,  
O' terra onde natura assombra de formosa,  
O' terra dos irmãos! O' terra Brazilcira!



## MENINAS BOMBEIRAS

Na patria dos nevoeiros, a Inglaterra,  
A que venceu depois da grande esfolta,  
Vae o maior progresso andar na berra  
Desde que á luz surgiu moderna escola:  
As meninas nascidas lá na terra  
Onde o pae *Chamberlain* regula a bola,  
Deixando-se de serem meigas pombas,  
Deixam a agulha, e vão tratar das bombas.

Boa lembrança! e seja ella approvada  
Ao som de semifuzas e colcheias;  
E que faça a mulher, hoje educada,  
Melhor do que deitar pontos em meias:  
Treppe pelos degraus de erguida escada,  
Mostrando o sangue que lhe alenta as veias;  
De agarrar na agulheta siga o luxo  
Até que saía a lympha de repuxo!

As meninas, por uzo já sédiço,  
Deram lenha ao fogão de paixões ternas,  
Puzeram-nos a arder alma e toutiço  
Com seus othos, d'amor dôces lanternas:  
Justo foi que mudassem de serviço,  
Seguindo officio de feições modernas...  
E' justo que qualquer que deita fogo  
O possa com a mão apagar logo!

Ponham na cabecinha o capacete  
Que lhes fica a matar, isso decerto,  
Troquem por uma farda esse corpete  
Umaz vezes fechado, outras aberto:  
Mandem para o diabo o mantelete,  
Mostrem o niveo collo descoberto...  
E, p'ra que estalem bravos e carambas;  
Agarrem no machado co'as mãos a rbas!

Enviu o meu saudar enthusiasnado  
A vós, arrojadissimas bombeiras,  
Mas notae que é preciso haver cuidado  
Para que não se arrombem as *mangeiras*  
O trabalho é muitissimo pesado  
Para quem dá incommodo ás pateiras...  
Apezar de dizer um rifão breve  
Ser das bombas tratar officio leve!

Entre a moda em Lisboa, dando brados,  
E passe muito além de Santa Comba.  
E possamos ver dedos delicados  
No glorioso mister de dar á bomba:  
Os progressos modernos inventados  
Não querem que a mulher se mostre romba...  
Querem que ella se deixa de ir a valsas,  
Chegue a mostrar bigode, e vista calças.

BONIFACIO

# BOMBEIRAS INGLEZAS

